

DESPERTAR-SE

COLETÂNEA DE CONTOS

ALOÍSIO COSTA LATGÉ



Despertar-se

Apresentação

Vida de publicitário, não é fácil. Apesar do glamour atribuído à profissão, grande parte dos seus profissionais vive uma exaustiva rotina de trabalho. Fazendo parte dessa massa e amando escrever, tive que adaptar meus textos a algumas restrições. Dentre elas, a mais cruel, é não dispor de tempo para escrever. Por isso, ao invés de romances ou contos longos, escrevo histórias curtas, no tempo que disponho entre a cobrança de um cliente e a ligação de um prestador de serviço dizendo: Ihhhh, deu ruim!

Todas as grandes histórias que iniciei, terminaram sem terminar. Eu começava a escrever, percebia que elas almejavam algo mais, então me dedicava por um três, quatro, cinco dias e duas madrugadas... E, de repente, pintava um novo trabalho para ontem ou um layout que já estava pronto caía na mesa de um cliente em um dia ruim e voltava todo rabiscado para refazer! Quatro semanas depois, eu já nem me lembrava daquela história tão... tão... Era sobre o que mesmo?

Dessa forma, “Despertar-se” não é fruto de minha criatividade, somente. É resultado, sobretudo, de minha persistência e capacidade adaptativa. Fui me especializando em reduzir, ao invés de fazer crescer histórias. Em desenvolver cenas chaves de histórias

não contadas em sua plenitude. Culminando com contos que sintetizam início, meio e fim em poucas páginas.

Particularmente, gostei do resultado. E juntei algumas dessas histórias aqui, nesta minha primeira coletânea de contos.

Os meus textos são meio cruéis, meio divertidos, meio leves, meio pesados, meio pornográficos... Santos? Não, texto meio santo eu não tenho nenhum! Sei lá, eles são meio inclassificáveis. Acho até que eu tenho que mudar um pouco de estilo para almejar voos maiores e/ou atrair leitores. Mas, para isso, preciso otimizar a minha agenda, disponibilizando mais tempo para escrever. Hum...

Por hora, espero que vocês aproveitem a leitura!

Aloísio Costa Latgé

Sumário

Negociação	7
Eternamente ao seu lado	9
O que fazer depois do “Oi”?	15
Alan, o oitavo passageiro.....	31
Leitão a pururuca	34
Solteiro again	42
Saindo da sombra.....	49
Despertar-se	56
O processo	77
Desesperança	83
Procura-se esposa.....	90
Copacabana é gay!	98
Como cachoeira	106
Herói despido.....	113
Choveu no meu chip	118
Acácia	127
Quarta-feira de cinzas	130

O apagão	140
Amnésia	147
Furo de reportagem.....	152
Solidariedade	159

Negociação

– Por favor, qual o preço deste quadro?

– O dos rabiscos? Quinhentos reais!

– Ok, eu vou levar... Tome aqui mil reais por ele!

– Mil? Mas eu pedi quinhentos, porque você vai me pagar mil por ele?

– É que eu gostei muito dele, acho que vi combinar com a decoração da minha casa, pendurado na parede vermelha da sala...

– Bem, se é assim, eu quero dois mil por ele!

– Ok, ok... Quatro mil e não se fala mais nisso!

– Quatro mil? Mas esse quadro vale muito mais... Uns oito mil, no mínimo!

– O senhor aceita cheque? Eu pago dezesseis mil e não se discute mais!

– Agora é que eu não vendo mesmo. Eu quero uma segunda opinião! Esse quadro não deve valer menos do que trinta e dois mil...

– É assim, é... O senhor quer uma segunda opinião? Pois eu te dou uma segunda opinião! Esses rabiscos parecem até travessura de criança, isso nem parece uma pintura... E esse tal de Miró... É Miró que está assinado, né? Eu nem nunca ouvi falar nesse nome. Quinhentos reais é até muito por... por... por isso!!!

– Era o que eu desconfiava... Por um momento achei que pudesse estar diante da grande oportunidade da minha vida. Esse pessoal do mundo das artes é muito estranho, um rabisco às vezes vale milhões e pinturas maravilhosas não valem nada! Mas eu não me engano. Eu te faço esses rabiscos por duzentos e cinquenta reais!

– Fechado!!!

Eternamente ao seu lado

Postei-me ao lado do seu caixão e fiquei em silêncio, imaginando a vida sem ela. Sem a sua presença em todos os cantos da casa, sem a sua voz cantarolando, tagarelando ou simplesmente reverberando entre as paredes. Depois de 30 anos de convívio, estar sozinho era uma lembrança apagada e distante.

Quem imaginaria o seu enterro assim? O som do voo de uma mosca seria percebido por todos no silêncio absoluto que tomava a capela. Ninguém falava, ninguém chorava, ninguém sequer se movia – a dificuldade em lidar com a sua ausência parecia não ser somente minha. Clarice finalmente se calara!

Ela era ainda o centro das atenções. Como sempre! Mas a atenção que recebia agora era a atenção que cada um desejava lhe dedicar e não a que ela exigia o tempo todo de todo mundo.

Há dois anos, no enterro do meu tio Plínio, ela se debulhou em lágrimas e lamentou mais a sua morte do que a minha própria tia e seus filhos... Em seu enterro, entretanto, a paz e o silêncio, que nunca lhe fizeram companhia, eram convidados especiais.

Com a sua morte, ganhava vida a nossa paz! Esse pensamento impróprio não saía da minha cabeça. E, olhando para ela, ali deitada, tão imóvel e silenciosa, eu me perguntei por que isso

não aconteceu antes? Não a sua morte... não... Mas, sim, esse encontro dela com a paz. Parecia tão perfeito! Elas pareciam mesmo se entender. como se tivessem sido feitas uma para o outra!

Um padre entrou na capela para fazer uma oração, mas não teve coragem de interromper o silêncio. Foi até o caixão, olhou para Clarice, fitou todos ao seu redor, atirou três gotinhas de água-benta sobre o seu corpo, fez o sinal da santíssima trindade e se retirou.

Dois funcionários do cemitério vieram em minha direção e solicitaram, baixinho, permissão para lacrar o caixão e conduzi-lo para o sepultamento. Eu concordei, acenando com a cabeça, e os acompanhei até o caixão. Todos os convidados também se aproximaram dele e olharam uma última vez para ela. O seu semblante era de tranquilidade! E ela parecia, mesmo, sorrir...

Os dois funcionários fecharam o caixão e o colocaram sobre o carrinho que a conduziria até a quadra 12, rua 10, cova 5-F. E deram início ao cortejo...

Sua mãe passou por mim e me acariciou a face com a mão... Seu pai me deu dois tapinhas nas costas... O meu irmão ameaçou falar alguma coisa, mas só pigarreou... Nossos amigos foram passando, um a um, me dirigindo o olhar e abaixando a cabeça... Por fim, um cachorro vira-latas, que havia se convidado para o velório, me cutucou com a cabeça.

Quando eu cheguei à tenda, armada sobre o seu túmulo,

todos os parentes e amigos já estavam acomodados ao redor. Os coveiros haviam posicionado o caixão sobre a vala aberta na terra, que se faria a nova morada de minha amada. Esperavam somente a minha ordem para baixá-lo. Eu fiz uma breve oração, em silêncio, e indiquei com as mãos, aos funcionários do cemitério, que seguissem adiante.

Enquanto o caixão descia, reparei em duas coroas de flores que lhe foram ofertadas, uma pelos seus amigos do trabalho e outra por nossos parentes. Elas não traziam nenhum dizer... As próprias flores experimentavam a paz da sua ausência!

O sol estava se pondo, manchando de laranja o céu. Era uma tarde linda! Mas se Clarice ali estivesse, viva, com certeza eu não teria tempo para apreciá-la. Ela me puxaria para perto de um grupo de amigos ou parentes para falar coisas boas ou ruins a respeito do defunto.

Eu me aproximei da cova, agachei-me, peguei um punhado de terra do chão com a mão e o atirei sobre o seu caixão.

Enquanto os funcionários terminavam de preencher de terra o seu túmulo, os convidados foram se retirando, silenciosamente. Somente eu acompanhei esse serviço até a sua conclusão.

Eu já havia combinado com o administrador do cemitério a colocação de uma placa de mármore sobre a sua cova. Ela traria somente o seu nome, Clarice, e as datas 27/05/1952, com uma

estrela ao lado, e 05/11/2005, com uma cruz. Ele me perguntou se eu desejava incluir algum dizer, mas, sem saber o que dizer, eu preferi nada colocar escrito.

As primeiras estrelas começaram a surgir. Seria uma noite de céu límpido e estrelado! Como a noite anterior...

Clarice estava indisposta e foi se deitar mais cedo. Eu achei estranho ela não ter me chamado, mas fiquei a apreciar a noite estrelada, da varanda do nosso apartamento. E o silêncio! Como eu gostava do silêncio e como era raro desfrutá-lo... Eu não sei se teria feito diferença. Se eu poderia ter feito alguma coisa para salvá-la, caso estivesse junto com ela em nosso quarto.

Ela morreu deitada em nossa cama, vítima de um ataque cardíaco fulminante. Estranhamente, em total silêncio!

Em 27 anos de casados, não me lembrava de estar assim, ao seu lado. Sem ser exigido a falar, sem ela romper o silêncio ou o imobilismo, por um espaço de tempo tão prolongado. Nem quando eu estive internado, após um acidente. Nem quando ela sofreu um aborto espontâneo...

Embora eu tivesse medo de que um filho significasse mais e mais barulho, mais e mais movimentação em casa, eu o desejava. E quando ela perdeu o nosso bebê, eu fiquei arrasado. Quis ficar sozinho, um pouco... Quis viver o meu próprio luto... Mas não foi possível. Primeiro, Clarice e a sua dor, se sobrepuseram às minhas.

E, depois, Clarisse e a sua cura foram empurrando a vida adiante!

Assim era Clarice. O tempo todo estava falando alguma coisa, mesmo quando nada tinha a falar. O tempo todo gesticulando, andando de um lado para o outro e arrastando coisas daqui para lá... Não conseguia ficar parada! Não conseguia ficar quieta um só minuto em um só lugar. Ela não conseguia fazer somente uma coisa de cada vez. Estava sempre agitada e agitando... Era pura energia!

Agora ela estava ali, aos meus pés, imóvel e em silêncio absoluto. Que irônico... Como eu desejei isso. Uma Clarice calma e tranquila ao meu lado. Sentei-me próximo ao seu túmulo e o tempo foi passando, a noite cobriu definitivamente de negro o céu. Um funcionário se aproximou, anunciando o fechamento do cemitério. Eu despedi-me dela e o acompanhei até o portão.

Antes de me retirar, perguntei os horários de funcionamento do cemitério. Fui informado que abria às seis horas da manhã e fechava às oito horas da noite, funcionando de domingo a domingo. Um jardineiro que ainda trabalhava na manutenção em um túmulo próximo, se ofereceu para plantar grama e flores sobre o túmulo dela, mas eu dispensei os seus serviços.

No dia seguinte, às seis horas da manhã, eu já estava no cemitério. Não precisaria de jardineiro para cuidar do túmulo dela, pois eu mesmo cultivaria e cuidaria de um belo jardim, ali, em sua homenagem. Desfrutando diariamente da sua calma e silenciosa

companhia!

Mais do que nunca, amei Clarice!

O que fazer depois do “Oi”?

Alice se preparava para dormir, em seu quarto. Estava cansada, pois seu dia fugira ao planejado, prolongando as horas de trabalho e não oferecendo descanso e entretenimentos. Ela se despiu do seu hobby e, diante do espelho do quarto, se observou com seu babydool, que, contra a luz do abajur, se revelava sensualmente transparente.

– Eu merecia mais! – Ela exclamou.

Era uma jovem mulher, independente e bela. Não se preocupava com as marcas de idade que começavam a surgir. Pois elas registravam e refletiam a sua história, igualmente bela. No entanto, não compreendia estar sozinha. Qualquer homem bonito ou feio, realizado ou não, tem sempre mais de uma mulher interessada... Já as mulheres, por mais bonitas e bem sucedidas que sejam, afugentam os homens. Mas relembando algumas de se suas relações, concluiu que às vezes é melhor estar sozinha.

Deixando escapar um suspiro, se desejou uma boa noite de sono e bons sonhos. Foi para o banheiro, escovou os dentes, voltou para o quarto, se deitou na sua cama de casal king size, ajustou o despertador para as 6:30h e desligou a luz.

(...)

No andar de cima, Roger estava em seu quarto, sentado à escrivaninha, diante de sua velha e confiável Remington de teclas metálicas redondas, suspensas por estranhas estruturas e hastes. Ele acabara de se mudar para o prédio. Vinha de uma cidadezinha do interior, onde ganhava a vida como técnico fiscal da prefeitura. Na capital, pretendia perseguir o sonho de se tornar escritor.

Ele já conquistara algumas premiações literárias, mas seus livros de poesias e contos, colocados à venda, rendiam muito pouco em direitos autorais. Uma editora especializada em novos talentos, no entanto, propôs custear suas despesas por um ano, para ele parar de trabalhar e se dedicar a escrever um romance. Se mudar para a capital e vivenciar a efervescência cultural de uma cidade grande e moderna, lhe pareceu um trampolim para o sucesso.

Imbuído desse espírito, assim que chegou na cidade e alugou seu apartamento, instalou no cantinho do quarto a sua escrivaninha, sua cadeira e sua máquina datilográfica tão estimada. Era para ser o seu cantinho da criação. Mas já se passara mais de um mês e nenhuma ideia digna do futuro que almejava lhe ocorreu. Terminou de arrumar toda a casa e sobre sua área de trabalho, invés de acumular literatura de qualidade, só acumulou poeira.

Ele pegou uma folha de papel da pilha de papéis ao lado

esquerdo da máquina, posicionou-a no rolo de papel da máquina, girou a engrenagem fazendo-a avançar até o meio da página, respirou fundo, se concentrou e digitou o título de seu primeiro grande sucesso: O que fazer depois do “oi”?

Basicamente, seu romance consistia em... em... Enfim, só desejava escrever, pois escritores se tornam escritores por escrever. Pensou no primeiro título que lhe veio à cabeça e se pôs a escrever, na expectativa de que o resto da história também chegasse.

Ele retirou a primeira folha da engrenagem, com o título digitado, e a colocou ao lado direito da máquina. De uma pilha de papéis em branco, ao lado esquerdo, retirou uma folha em branco e realimentou a máquina. Ajustou tudo para começar a datilografar e saiu registrando as ideias, conforme lhe vinham à mente. Tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac... Apesar de antiga e de algumas teclas agarrando e outras desalinhas, a boa e velha Remington de seu pai ainda cumpria seu papel.

Do pai, Roger herdara também o gosto por escrever. Só desejava ter um pouco mais de talento, pois os textos de seu progenitor eram muito ruins e chatos de ler – mesmo para um filho atencioso e grato...

Às vezes, ele se questionava: Por que não escrever em um computador? É tão mais prático e ecológico... Mas o processo de alimentar a máquina com folhas em branco, canalizar ideias através

da datilografia, retirar as folhas escritas e ir fazendo crescer sua obra se tornou parte do seu processo criativo. No trabalho, usava laptops, tablets e celulares, mas, para seus contos e romances, o isolamento, o silêncio e esse tatear de teclas, letras, palavras, frases, papéis e histórias eram fundamentais.

Tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac prosseguiu, alimentando a máquina de papéis, os papéis de ideias e se... desencantando. Reeec... Puxou mais uma folha de papel com força, fazendo girar o barulhento rolo de papel da máquina, releu mais um ou dois primeiros parágrafos, resmunou e amassou a folha. Mais uma bolinha de papel para a lata de lixo e uma nova folha em branco a desafiar. Sim, a lata de lixo preta, de metal, também integrava seu processo criativo.

Tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac...

(...)

Incomodada com aquele tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac que invadia o seu quarto, Alice não conseguia dormir. Levou mesmo algum tempo até compreender do que se tratava aquele barulho e de onde vinha. Então lembrou que seu pai, antes da popularização do computador, ainda utilizando uma máquina datilográfica para fazer seus manuais de funcionamento disso e daquilo, listas de

telefones e aniversário e memorandos à família e aos vizinhos.

A Olivete eletrônica que ele usava não fazia tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac. Fazia um tuc, tuc, tuc, tuc mais lento e suave. Mas, sim, o tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac só podia ser o som de uma máquina de datilografar mecânica em uso. Mas o fato daquele incômodo barulho ter resgatado lembranças de dias melhores vividos ao lado do seu pai – que, devido à senilidade, hoje pouco interagia com ela e com seus irmãos –, não lhe trouxe compreensão.

– Argh, que barulho irritante! – Ela gritou em silêncio.

Enfim, a sua preocupação com a mudança da velha decrépita do apartamento 603 mostrou-se relevante. Com seus mais de 80 anos e menos de 60 quilos, a velhinha se deslocava de um lado ao outro da casa pouco mais de três vezes ao dia, arrastando os seus pezinhos lentamente, calçados em sandalinhas de espuma, praticamente sem fazer barulho. Era a vizinha de cima dos sonhos.

E, mesmo quando a saúde dela se agravou e uma cuidadora passou a acompanhá-la 24 horas por dia, os barulhos eram mínimos. A enfermeira gorda e crente mostrou-se mais delicada e educada do que sua aparência sugeria. Ouvia suas preces e louvores no rádio com fones de ouvido, passava a maior parte do dia sentada, ao lado da cama da patroa, na cozinha, cozinhando comidas cheirosas, ou na área, lavando e passando roupas.

Alice demorou mesmo a perceber que não havia mais

ninguém no apartamento. Quando perguntou ao síndico se aquela senhora boazinha tinha falecido, descobriu que ela havia se mudado para a casa de um dos filhos há mais de dois meses. E quatro meses se passaram para que os proprietários do apartamento arrumassem um novo inquilino. Durante o primeiro mês em que ele ocupou o apartamento, Alice se incomodou com um arrasta móveis para lá e para cá, que sabia inevitável. Por mais uns dias, se fez silêncio total. Mas, agora isso?

Quem, afinal, ainda usava uma daquelas relíquias para escrever, já existindo há tanto tempo o computador? Ela se questionava. Seria um velhinho apegado ao passado ou incapaz de acompanhar o futuro, como seu pai? Meus Deus... Quanto tempo ele vai levar para demenciar?

– Que insensível! – Deixou escapar uma autocrítica, relacionada às ideias que lhe invadiram a mente.

Só quem já viveu a experiência de ter vizinhos barulhentos conseguiria entendê-la. Ela teve que se mudar do último apartamento em que morava por causa de uma família que fazia balançar os lustres do seu apartamento quando as crianças brincavam de correr e para lá e para cá no andar de cima. E durante todo o dia, todos os dias da semana, mesmo nas horas mais inoportunas, era uma gritaria e uma barulheira de coisas sendo arrastadas no apartamento vizinho...

Foi o melhor apartamento que ela já morou. Amplo, bem localizado, arejado e com o aluguel barato, o que lhe fez adiar por mais de um ano a decisão de se mudar. Até que perdeu a cabeça e começou a trocar palavrões com os vizinhos na portaria.

Agora esse tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac. Ela virou para um lado da cama, virou para o outro, cobriu os ouvidos com o travesseiro. E tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac... Reeec – retira folha da máquina. Quando fazia silêncio, ela agradecia a Deus e tentava dormir. Mas, rec, rec, rec – coloca folha na máquina – e retornava o tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac...

– Caralho! – Ela reacendeu a luz do abajur e se levantou impaciente, mas a luz se apagou....

(...)

No quarto de Roger, a luz também se apagou. Ele se levantou da mesa, deixando de lado a velha máquina em silêncio e se dirigiu, no escuro, até a cozinha do apartamento. No percurso, ia repetindo uma frase em voz baixa, como se não quisesse esquecê-la ou interromper o seu pensamento. Abriu o armário da pia, bateu no escuro sem encontrar o que buscava, foi até um outro armário, bateu, bateu, bateu e encontrou... Enfim, as velas e os fósforos!

– Graças a Deus eu comprei! – Exclamou.

Ele chegou a pensar, no mercado, para que serviriam velas na cidade grande? No interior, a luz vivia caindo o tempo todo e ele tinha um grande estoque de velas, lamparinas e fogareiros espalhados por toda a casa. Mas, enfim, a caixa de velas custava somente R\$ 8,00 e os fósforos R\$ 4,50... Comprou.

Passando pela sala, retornando para o quarto, ele se deteve e olhou através da janela. Até onde a sua vista alcançava todo o bairro estava em completa escuridão.

– Não, não... – Ele falava para si mesmo, baixinho. – Mas, e se... – Refletia – Não, definitivamente não! – E seguia desenvolvendo sua história imaginária com novos detalhes e soluções diferentes...

A noite estava deslumbrante, o céu ficou ainda mais estrelado, pela completa ausência de luz nas redondezas, e a lua estava cheia.

(...)

Finalmente, Alice conseguiu adormecer.

(...)

Roger riscou um fósforo para se localizar. Voltou a se sentar na escrivaninha. Riscou outro fósforo e acendeu duas velas. Ele

posicionou um pires de cada lado da máquina datilográfica, pingou gotinhas de cera derretida no centro dos dois e, simultaneamente, forçou a base das velas contra as pocinhas de cera para fixá-las. Ficou surpreso com sua boa habilidade motora, conseguindo fazer esse processo com as duas mãos, simultaneamente. Normalmente os movimentos de sua mão esquerda não eram tão eficientes. A iluminação à luz de vela ficou boa.

– Hum... – Uma nova ideia invadiu sua mente, se sobrepondo às demais.

Em um puxão só, ele arrancou a folha de papel que estava na máquina – Reeec. Sequer releu os parágrafos que já estavam datilografados, fez uma bolinha com ela e a descartou na lixeira:

Cesta! – Celebrou.

Ele posicionou uma nova folha na máquina – rec, rec, rec – e recomeçou a datilografar – tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac...

– Isso, isso, isso! – Se empolgou.

Enquanto escrevia sua história, Roger assistia em seu próprio quarto o desenrolar da cena. Imaginariamente, uma bela e jovem mulher estava sentada na ponta da sua cama, introspectiva, a porta do quarto estava aberta e um belo rapaz fazia menção de entrar, mas se deteve. Ela se levantou e os dois permaneceram algum tempo se olhando, imóveis e em silêncio. Um caminhou lentamente na direção do outro e começaram delicadamente a se tocar. E a

narrativa entrava:

“De onde surgiu aquele sentimento? Instantes antes, os dois desejavam se matar... Agora, desejavam se atirar um nos braços do outro e se amar!”

No decorrer da cena, no entanto, um barulho incompatível com tudo o que acontecia invadiu o ambiente, quebrando o clima do casal, bem na hora em que iriam se beijar. Os dois personagens se afastam e passam a olhar ao redor e para o chão, tentando descobrir de onde vinha aquele toc, toc, toc, toc, toc...

– Que merda é essa, porra? – Roger se questionou, olhando ao redor e para o piso do quarto, tentando compreender aquele barulho que quebrara o clima de romance do casal e a sua concentração.

(...)

Retornando à realidade, Alice bate no teto do seu quarto com o cabo de uma vassoura. E o barulho da máquina de escrever, proveniente do quarto de cima, cessa. Ela pensou:

– Acho que isso é suficiente!

Ela permaneceu de pé, com a vassoura na mão, por um tempo. Como o barulho não retornou, imaginou ter obtido sucesso com sua iniciativa. Agora o seu novo vizinho sabia que estava

incomodando os vizinhos e interromperia a sua bateção de teclas noturnas.

– Filho da puta! – Xingou, baixinho ainda, grata por não precisar xingar alto.

Ela recostou a vassoura na parede e retornou para a cama.

(...)

Acostumado a morar em casas, Róger não identificou de imediato aquele barulho. Imaginou ser algum barulho comum a apartamentos antigos. Enfim...

As batidas pararam e o ambiente se tornou novamente propício para escrever e para o amor. A luz de vela criava um clima ideal para a cena que imaginava. Ele ficou pensando em como inserir velas à sua narrativa. O casal de jovens acabara de brigar, vivia um relacionamento que pendia tanto para o fim quanto para um futuro. Não havia clima para velas por todo o quarto. A não ser que...

Sim, era a celebração de uma data importante, que ela pretendia! Preparou um jantar romântico, espalhou velas pela sala e pelo quarto. Estava tudo planejado. Era para ser uma surpresa! Mas, às vezes, quem quer surpreender acaba surpreendido. O namorado não se ligou na parada e foi beber com os amigos depois do trabalho... Quando chegou na casa da namorada, porque ela insistiu

muito durante o dia todo, ela estava sentada à mesa, por trás de pratos de comida fria, iluminada à luz de velas, já quase no final...

Ele relê o que havia escrito no papel, que ainda estava na máquina, imaginou como poderia inserir esses novos elementos e arrancou o papel da máquina – Reeec. Fez uma nova bolinha e a descartou na lixeira, sem comemorar a cesta. E posicionou uma nova folha em branco na máquina – rec, rec, rec...

No quarto, Roger permaneceu imóvel diante da máquina de datilografar, olhando para a folha em branco, estruturando mentalmente as novas frases. Os dois personagens do seu texto também estavam ali, um sentado ao lado do outro, à borda da cama, aguardando as orientações do escritor. Um deles se levantou, chegou ao lado dele e lhe sussurrou alguma coisa ao ouvido. Então ele recomeçou a escrever – tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac...

O casal retomou a cena, a jovem de um lado da cama e o rapaz do outro. Os dois estavam sentados, nas bordas do colchão, primeiramente de costas, um para o outro, mas depois se viraram, um para o outro, e se entreolharam... O olhar de ambos evidenciava que a raiva se dissipara. Que o desejo de reconciliação imperava. E, sobretudo, que os dois estavam excitados e desejavam se amar! Mas... Toc, toc, toc, toc, toc.

– Caralho! – Gritou o escritor, assustando os enamorados.

O som das batidas recomeçou ainda mais alto. O casal e o

escritor olharam para o chão. A essa altura, era evidente que o barulho vinha do apartamento de baixo. Provocado, provavelmente, por uma vizinha maluca catucando a laje que separava os dois apartamentos.

Irritado, o escritor começou a discutir com o chão:

– Ô sua filha da puta, você pode parar com esse merda, que eu estou tentando escrever!

E o chão respondeu, com uma voz feminina, mas agressiva, algo que não deu para compreender...

(...)

Alice percebeu que, sobre o seu teto, um rapaz impertinente reclamava, sem discernir, no entanto, o que ele dizia. Mas, ela já estava puta da vida mesmo, soltou o verbo:

– Ô, seu retardado... Caralho! Você não sabe o que é um computador não? Quer escrever de noite, compra uma porra de computador. Quer ser do tempo das cavernas, vai morar isolado numa casinha do interior... Me poupe, eu estou tentando dormir e fica esse tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac na minha cabeça!

Se um pudesse ver e ouvir o outro, com certeza iriam rir daquela cena, ele discutindo com o piso do seu quarto e ela com o teto do seu. Algo que poderia inspirar uma nova história para Roger

escrever. Com o título: O que fazer antes do “tchau”? E uma nova modalidade de consultoria para Alice, que trabalhava como consultora de marketing imobiliário, oferecer aos seus clientes. Tipo: Como evitar tretas com os vizinhos do andar de cima...

(...)

Acima, abandonando a criatividade e sua calma habitual, Roger começou a gritar ainda mais alto, coisas que nem deveriam estar registradas aqui:

– O quê que tá pegando, minha senhora? Eu estou tentando escrever uma história de amor... De amor! Se você não tem amor na porra da sua vida, a culpa não é minha. Pega essa vassoura e satisfaz suas carências de outra forma!

Sentados na cama, lado a lado, o jovem casal estava impaciente e desiludido.

(...)

Alice desistiu de discutir com o teto. No apartamento de cima o silêncio também se refez! Ela olhou para o relógio, que já registrava 23:15h e voltou para a cama.

(...)

No quarto de Roger, o casal reiniciou a cena de amor que tentavam protagonizar. Os dois, agora, frente a frente, ajoelhados no centro da cama. Enquanto tec, tec, tec, terec, tec, tec, tac...

(...)

– Puta que pariu!

Alice se levantou, pegou o seu celular, na mesinha de cabeceira, ligou o aplicativo de lanterna, localizou no chão seus chinelos e os calçou, e partiu veloz e furiosa rumo ao apartamento do vizinho de cima...

– Ahhhh... Ela não perde por esperar! – Parecia um touro bufando de raiva.

(...)

Roger foi interrompido novamente, enquanto datilografava o seu texto. Mas, desta vez, não pelo “Toc, toc, toc, toc, toc...” e sim por um prolongado “pêêêmmmmmm”, seguido de um segundo “pêêêmmmmmm” e um terceiro “pêêêmmmmmm” provenientes da sua estridente campainha, que pela primeira vez, desde que se

mudou, foi acionada.

Ele esperou, descrente no que estava acontecendo, um quarto “pêêêmmmmmm”, e o toque aconteceu... Seguido de breves “Pêê”, “Pêê”, “Pêê”! Então ele se levantou e atravessou o apartamento com uma vela na mão, até chegar à porta, reclamando e dizendo o que iria fazer se fosse a vizinha:

– Ahhhh... Ela não perde por esperar!

Alheios ao escritor e sua vizinha, finalmente sozinhos no quarto, o casal enfim se beija!

(...)

Roger abriu a porta, furioso, e se deteve ao avistar Alice em seu hobby de seda sexy, no corredor. Alice também se desarmou, ao encarar, olhos nos olhos, Roger... As suas expressões mudaram, de bravos passam a surpresos, transparecendo um clima de interesse e atração entre os dois. Eles ficaram sem saber o que dizer um para o outro... Então ela quebrou o silêncio e disse, esboçando um sorriso:

– Oi!

Alan, o oitavo passageiro

Ripley foi a primeira a entrar na Van, que seguia em direção a Terra. Dallas, Kane, Lambert, Ash, Brett e Parker a seguiram, cada qual tomando um assento. Estavam ansiosos para retornar para casa, depois de uma longa jornada de trabalho.

Alan entrou no veículo quando ele já estava a caminho, após um gato preto cruzar a estrada, quase provocando um acidente.

O motorista da Van, Ed Motta, suspeitou da aparência e do comportamento dele. Ele estava em um lugar ermo, escuro e emitia estranhos grunhidos... Mas Ed se olhou pelo espelhinho retrovisor e avaliou que seria preconceito deixar Alan ali, somente por causa disso.

Embora existissem lugares vagos na Van, Alan quis sentar-se ao lado de Ripley, que era uma moça muito bonita e lembrava a atriz americana Sigourney Weaver... Enciumado, Dallas iniciou uma discussão, que logo evoluiu para uma briga!

Em meio a sopapos que, pela falta de espaço, atingiam alvos periféricos, todos se envolveram nas agressões. Dallas acertou Alan, que acertou Kane, que acertou Parker, que acertou Ash, que acertou Brett, que antes de poder acertar alguém foi estapeado com delicadeza e estilo pela bela Lambert...

– Vocês querem parar com essa merda?

Com seu vozeirão, Ed Motta intimidou aos sete passageiros brigões, restabelecendo a ordem dentro da Van.

– Senão eu vou chamar o síndico! – Ameaçou.

Só Ripley não precisou ser intimidada, pois, alheia à confusão, demonstrava toda a sua habilidade e perícia pintando as unhas das mãos enquanto lixava as unhas dos pés...

No meio do caminho para a Terra, no entanto, a paz voltou a ser interrompida. Ao se aproximar de uma blitz, Ed Motta acendeu a luzinha interna da Van e Alan foi flagrado sugando fluido vital de Brett, que acreditava estar recebendo um boquete de Lambert, como forma de pedido de desculpas pelo tapa!

Ele se emputeceu e iniciou uma discussão, que logo evoluiu para briga. Alan foi estapeado por Brett, que foi empurrado por Parker, que foi acertado por Ash, que atingiu, sem querer, Lambert, que deu um direito em Kane, que foi, por fim, mordido por Dallas.

O guarda Evandro Mesquita, responsável pela blitz na estrada, que motivara a parada da Van, soprou o seu apito e gritou:

– Blitz, documentos... Tá vindo de onde, tá indo pra onde?

Intimidados pela autoridade de Evandro, os sete passageiros pararam de brigar e se sentaram comportados em seus assentos. Exceto Ripley, que, alheia ao que acontecia ao redor, raspava as suas axilas e tingia o cabelo de lilás!

Evandro gamou em Ripley! Foi, tipo, amor à primeira vista... Ele passou o comando da blitz para outro guarda, deu um chega para lá no oitavo passageiro e se sentou ao lado da bela. Autorizado, Ed seguiu viagem.

À exceção de Evandro, que, empolgado, cantarolava “Eu te amo, eu te adoro”, os demais passageiros se quedavam em silêncio.

Foi quando uma estranha luz surgiu no céu, seguindo rapidamente em direção à Van. Ed Motta freou o veículo, arregalou os olhos e gritou:

– Tio celestial, apague o farol... Apague o farol!!!

Os demais passageiros alternaram-se em ladainhas, gritos desesperados e choro sufocado enquanto aquela luz crescia sobre eles, diminuindo as suas sombras... Somente Ripley permaneceu tranquila, fazendo a posição sete do manual de Yoga, enquanto devorava um pacote de Clube Social.

Um boeing das Aerolíneas Bolivianas sofreu pane seca durante o voo e caiu sobre a Van, à 47,8 Km de Terra – cidade dormitório do Distrito Industrial.

Em decorrência do acidente, foram registradas 273 mortes no avião e nove na Van. Sozinha, Ripley levou três horas e 27 minutos para chegar em casa, caminhando pela estrada, enquanto fazia anotações em seu diário e jogava Asteroide em seu Hello Moto!

Leitão a pururuca

Por 68 vezes lhe perguntaram a idade e essa foi a segunda vez que Marco Aurélio mentiu ao responder. A primeira vez foi aos 16 anos, quando o barraram na portaria de um cinema pornô no Centro da Cidade. Ele disse que tinha 18 anos, mas o bilheteiro só lhe permitiu a entrada depois de ter sua mão molhada com uma nota de 50 cruzeiros.

Agora, aos 55 anos, namorando uma jovem de 22 aninhos, ele se sentiu constrangido diante do pai da menina, que tinha apenas 46 anos. Aproveitou-se do fato de parecer mais jovem e se vestir e agir como tal, para se fazer passar por 49 anos. O que não fez muita diferença para o pai da moça, que continuou lhe encarando com cara feia!

– Pois então, Sr. Marco Aurélio... – Puxou assunto o pai da jovem.

– Sr. não... Por favor, me chame de Marcão. É assim que os meus amigos me chamam! – Respondeu o velho garanhão, tentando descontraír o ambiente.

– Marcão... Tá, tá... Pois então...

Raphaella, percebendo que o seu pai não tinha simpatizado com o seu novo namorado e que iniciaria um interrogatório, lhe

perguntando sobre as suas intenções em relação ao namoro, entre outras questões, puxou Marcão pelo braço para apresentá-lo à sua mãe.

– Vem amor, eu quero que você conheça a minha mãe!

Para evitar constrangimento, diante do novo velho namorado da filha, Roberto foi para cozinha preparar a sua especialidade: uma caipirinha de limão galego e pinga da roça, adoçada com puro mel de abelhas...

Enquanto isso, Raphaela apresentava Marcão para a sua entusiasmada mãe. Ao contrário do pai, que foi pego de surpresa pela notícia de que sua protegida e adorada filhinha caíra nas mãos de um homem mais velho do que ele, Sílvia já havia sido informada pela filha sobre a idade do seu namorado. E, também, sobre ele ser um homem muito rico e bem sucedido no mundo dos negócios!

– Ah... Até que enfim eu estou conhecendo o famoso Marcão!

– Que isso, mamãe? Não me faz passar vergonha!

– A minha filha me falou muito sobre você. Mas só coisas boas, tenha certeza... É um imenso prazer, para mim, conhecê-lo!

– Para mim também, Sra. Sílvia.

– Sílvia, por favor... Só Sílvia!

– É claro... Sílvia.

A conversa entre os três evoluía alegremente, quando

Roberto retornou para a sala portando, em uma bandeja, três copos de caipirinha e um de suco de uva.

– Ora, ora, ora... Trouxe uma caipirinha para abrir os serviços do dia. Uma para mim, uma para a minha esposa querida e outra para você, Marcão! E para a minha princesinha, um suquinho de uva, pois ela é muito novinha para beber!

– Pai!!!

– Roberto, a nossa filha já não é mais uma menininha! – A mãe da jovem tentou desfazer a desfeita...

– Não é mais uma menininha... Infelizmente! Eu preferia o tempo em que ela trazia para almoçar com a gente as suas amiguinhas do colégio. Mas, toma aqui, filhinha, o seu suquinho. Toma aqui a sua caipirinha, Sílvia. E aqui a sua, Marcão! É de limão galego legítimo, cultivado aqui mesmo no nosso quintal, com legítima caninha da roça e mel de...

– Me desculpe, Roberto... Eu posso te chamar assim? Sem o senhor? Mas é que eu só tomo whiskie... Doze anos!

– Whiskie...

– É!

– Doze anos...

Um certo constrangimento tomou lugar na sala. E acabou tomando-a por completo quando Marcão retirou de dentro de uma sacola de uma delicatessem uma garrafa de Johnnie Walker Black

Label...

– Mas não precisa se preocupar comigo, Roberto. Eu sempre trago uma garrafa! Você entende... Para não ser pego de surpresa!

E também retirou da sacola um jogo de copos para whiskie.

– E também trouxe os copos! Só preciso de uns gelinhos seus emprestados. E se você quiser variar um pouco e experimentar uma bebida um pouco mais refinada, pode se servir do whiskie também! Eu o trouxe para todos...

– Claro, claro, para todos... – Disse o pai, meio sem saber como reagir.

Roberto foi retornando para a cozinha, carregando a bandeja com o suquinho de uva, recusado pela sua filha, a caipirinha do Roberto, esnobada, e também as caipirinhas dele e da sua esposa, pois o casal temeu passar por pobre se deliciando com a bebida.

Silvia o acompanhou, caminhando lentamente com o Johnnie e os copos nas mãos. Ela tentou esboçar um sorriso, mas ele saiu visivelmente amarelado. Mesmo ela, que simpatizara com Marcão, achara uma desfeita ele recusar a caipirinha do seu marido e ainda trazer a sua própria bebida e copos para o almoço!

– Ah, pai... Serve um whiskie para mim também! São dois dedinhos de whiskie e seis pedrinhas de gelo, por favor! – Gritou a menina da sala, para o pai.

– Claro, claro, minha filhinha... Seis pedrinhas e dois dedinhos

de...

Roberto entrou na cozinha em silêncio. Despejou o suco de uva na pia, pois de nada ele serviria. Se, ao menos, fosse de maracujá, poderia toma-lo, para se acalmar... Para evitar desperdício e relaxar, ele tomou, em duas goladas, a sua caipirinha e a que fizera para Roberto. E sua esposa, em uma golada, tomou a sua!

– Sílvia, pega os nossos copos de whiskie de cristal, para esse engomadinho não ficar achando que nós somos miseráveis! Eu vou pegar o gelo!

– Vou pegar, vou pegar... Mas, Roberto, coloca o gelo naquele nosso pote de inox, heim. Não vai servir em isopor! Ah... E pega também o pegador de gelo. Nada de servir gelo com as mãos!

Eram ainda 13:00h e o leitãozinho a pururuca precisaria de mais uma hora de forno para ficar pronto. Vendo a sua filha e o namorado virando um copo de whiskie atrás do outro, como se fossem de refrigerante, Roberto resolveu enriquecer os tira-gostos, que contavam com ovos de codorna, castanhas de caju, queijo provolone em cubinhos e azeitonas portuguesas. Sacou da geladeira o seu salaminho especial e o fatiou até o final!

– Olha o salaminho!!!

Roberto levou para a mesa, certo de que iria abafar, uma tábua repleta com o seu embutido de R\$ 59,95 o quilo. Mas qual o quê... Ao retornar para a sala, a sua filha e Marcão estavam na maior

pegação no sofá!

– Sílvia... O quê é isso?

– Vem amor... Vamos para a cozinha cuidar do leitãozinho, pois a pururuca está assando por aqui!

Sílvia pôs-se a lavar o seu jogo de pratos de louça desenhados a mão e os talheres de prata que ganhara no casamento, para substituir os pratos de R\$ 99,85, que comprara para o almoço, e os talheres de cabo de plástico, de R\$ 59,85, que já estavam postos na mesa.

– Sílvia, você acha que tudo isso é necessário? Ele não está olhando para nada ao redor dele!

– Não está olhando para mim, nem para você, que somos velhos iguais a ele... Mas da nossa princesinha ele não tira aquele olho de tarado!

– Ah... Agora ela é princesinha e ele tarado, né... Ainda há pouco você estava me olhando cruzado porque eu estar de cara feia para ele. Isso não está certo! Não, não, não... O cara é um velho!

– Mas ele parecia tão educado. A Raphaela me disse que ele era um empresário bem sucedido. Eu não poderia imaginar essa descompostura, bem na nossa frente! Na nossa sala... Eles me deixaram falando sozinha e começaram a se agarrar!

– É difícil mesmo de aceitar... A nossa filhinha com um homem três anos mais velho do que eu!

– Nove anos mais velho, meu bem! Ele é bem conservado, faz academia todos os dias e pratica esportes, a Raphaela me contou... Mas tem 55 anos!

– 55 anos??? Eu... Eu...

O timer do fogão apitou, anunciando que o leitãozinho estava pronto.

– Vai amor... Tira o leitão do forno e leva para a mesa da varanda enquanto eu levo os complementos do almoço.

A mesa ficou linda. Toalha rendada, louça pintada à mão, talheres de prata, copos de cristal. Ao centro, o leitãozinho a pururuca, de um dos lados farofa com ameixa, salada de batatas e arroz branco e do outro lado pêssegos em calda, folhas frescas e feijão mulatinho... E que cheiro bom emanava da comida! Hum...

Roberto foi até a sala chamar a sua filha e o namorado dela para irem almoçar, mas retornou de lá branco, branco, como se tivesse visto um fantasma.

– O que aconteceu Roberto? Eles não vêm?

– Meu amor, é melhor a gente ir sentando e começando o almoço sem eles...

– Como assim, almoçar sem eles? Nós fizemos esse almoço para receber o namorado de nossa filha em nossa casa. Eu não vou aceitar essa desfeita!

– É melhor assim, amor... É melhor assim...

– Na, na, ni, na não... Eu não vou aceitar isso! Esse tal de Marco Aurélio veio para comer aqui em casa e vai comer!

Sílvia tentou ir à sala, para chama-los, mas Roberto a deteve, segurando-a forte pelo braço.

– Meu amor... O problema é exatamente esse. Ele não esperou nem a gente colocar a mesa. Ele já está comendo!

Solteiro again

– Boa noite... Eu me separei há pouco tempo e não sei muito bem como fazer isso. Há mais de 15 anos que eu não tenho um programa de solteiro! Por isso, vou direto ao ponto... Você topa? É... Eu e você? A gente sair daqui, ir para um lugarzinho mais confortável... E... Como se diz nos dias de hoje? Ter um lance sem compromisso?

– Não tem a menor possibilidade!

– Não?

– Olha, você é até um cara boa pinta! Mas, com esse papo...

– E como eu deveria proceder, então? O quê que eu precisaria dizer para ter uma oportunidade com você?

– Mulheres como eu são sonhadoras... Nós não topamos um lance!

– Claro, mulheres querem compromisso!

– Sem dúvida! É o que toda mulher quer, mesmo quando diz que não quer...

Depois de um breve silêncio, o homem retoma a sua investida:

– Quer dizer que se eu dissesse que queria um compromisso com você, você topava?

- A probabilidade seria grande!
- Pois bem... Como eu dizia, eu me separei há pouco tempo e...
- Agora não adianta, né... Eu já sei que é mentira!
- E quantas vezes é verdade?
- Como assim?
- Quantas vezes um homem te faz um monte de promessas e te liga no dia seguinte, depois que consegue te levar para a cama?
- Bem...
- Diz aí... Agora eu quero saber!
- Homens mentem muito!
- Então, qual diferença que faz?
- Qual diferença faz, o quê?
- Eu dizer que não vou ligar amanhã ou dizer que vou ligar e acabar não ligando?
- Falando assim... Bem... Nenhuma!
- Tá vendo só, não tem problema nenhum a gente sair hoje!
- Mas... E aí, o que eu teria para fazer no resto da semana?
- Ué, o mesmo que faria se estivesse esperando sem esperança que eu ligasse: nada!
- Você não entende nada de mulheres mesmo...
- E o que mais tem para entender?
- Se você me dissesse que iria ligar e não ligasse, eu ocuparia

os outros dias da semana te xingando!

– Me xingando?

– Não... Na verdade, eu passaria um dia esperando em vão pela sua ligação, dois dias tentando lembrar se dei o telefone certo ou imaginando que você sofreu um acidente fatal, dois dias te xingando e outros dois ME XINGANDO!

– Aff!

Uma moça mais nova se aproxima dos dois, no balcão, para pedir uma bebida, e o homem arrisca uma cantada:

– Boa noite, mocinha... Eu me separei há pouco tempo e... Bem... Eu não nasci para viver sozinho! O que você acha da gente sair daqui, ir para um lugar mais confortável... E... Quem sabe? Assumir um compromisso!

– Sai pra lá, coroa!

– Ei, ei...

A mulher mais velha riu do homem, enquanto a jovenzinha se afastava!

– Mas... Você disse que era só falar em coisa séria, que...

– Coisa séria, com mulheres mais velhas! Aventura, com mulheres mais novas!

– Depois vocês querem que os homens entendam as mulheres!?!...

– É simples... Uma garota novinha e bonitinha, como aquela

mocinha, se o cara não liga no dia seguinte, logo descola outro! Já mulheres como eu, mais maduras, recebemos no máximo uma investida por semana! Às vezes, de 15 em 15 dias...

– Ai, meu Deus... Por que fui me separar?

– Olha, se você quiser falar sobre isso, é melhor procurar um psicólogo!

Depois de mais um intervalo em silêncio, ele parte para o tudo ou nada:

– Mas, se o problema são os outros seis dias da semana, porque a gente não combina um pacote?

– Um pacote? Como assim?

– A gente combina logo sete encontros!

– Olha, até que a proposta é interessante... Isso, eu nunca fiz!

– Então, a gente sai daqui e pega um motelzinho. E amanhã, segunda, terça, quarta, quinta e sexta eu te pego de noitinha, depois do trabalho, a gente faz um programinha, come alguma coisa e dá uma bimbada no motelzinho de novo... Pela manhã, eu te deixo em sua casa ou direto no seu trabalho. É só você levar uma muda de roupa! Depois dessa semana, cada qual vai para um lado.

– E quem paga as contas?

– Eu, é claro, né!

– Hum... Até que... Pode ser... Não... Não... Isso não vai funcionar!

– Mas, por que não, mulher?

– E se eu gostar?

– Ora... Se você gostar... Bem...

– Se eu fico com você uma semana e gosto, depois que você me abandonar eu vou passar um mês inteiro aguardando você se arrepender e voltar atrás para renegociar o prazo. E seriam outros tantos meses te xingando e me xingando. Não... Para correr um risco dessa grandeza, com certeza, uma semana é pouco!

– E quanto tempo você acha que seria necessário para compensar o risco?

– Para um relacionamento que não é nem sério e nem totalmente descompromissado, pelo menos um ano!

– Um ano?

– É, um ano!

– Mas... Um ano é muito!

– Olha... Eu sei que vou me arrepender depois, mas... Como eu nunca recebi uma proposta como essa... E você está sendo tão sincero... O que você acha da gente rachar essa conta meio a meio? A gente fica junto seis meses!

– Seis meses?

– É! Eu acho justo!

– Mas eu não vou dar conta de dar uma por noite durante seis meses seguidos... Eu já não sou mais um garoto!

– A gente pode cortar duas ou três noites de motel por semana. Sai até mais em conta para você. E, em vez de comer fora todos os dias e fazer um programinha, um dia a gente faz o programinha e no outro a gente sai para comer! A gente pode até ficar um dia ou outro em casa assistindo a um filminho na televisão ou fazendo um jantar romântico...

– Mas isso está até parecendo com o meu casamento!

– Sério? Mas se o seu casamento era bom assim, por que você se separou?

– Ele foi assim pelos três primeiros anos! Quer saber, isso não vai dar certo... Eu já estou até vendo a gente gastando os nossos três últimos meses em discussões de relacionamento!

– É pegar ou largar!!!

– Ei, garçom... Você pode me emprestar a sua máquina de calcular?

O garçom sacou a sua maquininha do bolso e a emprestou para o homem.

– Claro, toma aqui.

Pi, pi, pi... Pu, pu... Pi, pi, pi, pi... Pu... Pi, pi... Pi, pi, pi, pi, pi... Pu, pu, pu, pu... Pi... Pu, pu, pu, pu... Pi, pu... Pu!

– Fala sério! Para transar três vezes por semana, sai mais barato pagar uma garota de programa! Tchau, querida...

– Ei... Ei... Volta aqui, seu... Seu... Babaca!

Ao menos a mulher saiu no lucro! Afinal, tinha um homem para xingar por vários e vários dias... E sem ter sido enganada!

Saindo da sombra

Apesar dos aplausos, que não ocorreram nas duas primeiras apresentações da peça, assim que as cortinas se fecharam, o diretor e os demais atores do elenco cercaram Alberto furiosos, exigindo satisfações.

Ele alterou a maior parte das suas falas, o seu posicionamento em cena e as próprias cenas, descartando partes inteiras da apresentação que haviam sido ensaiadas durante dois meses e inserindo outras, que os atores tiveram que acompanhar na base do improviso...

Humildemente, ele pediu desculpas. Ao seu irmão e aos seus companheiros de cena. Mas seu pedido de desculpas, foi só em parte. Ele tinha plena consciência do que fez e de não ter compartilhado com ninguém as suas intenções, o que acabou colocando seus parceiros em situações embaraçosas. Mas estava muito empolgado com o resultado:

- Vai dizer que vocês não escutaram a plateia rindo?
- Gargalhando! – Um dos atores corroborou com ele!

Então ele desabafou:

– Essa é uma peça de humor e ninguém ria... Os dois primeiros dias... Nossa... Eu tive vontade de não voltar a esse palco!

Mas vocês me conhecem... Eu também conheço vocês... Ninguém aqui foge de desafio! Eu tinha que mudar isso... A gente tem que mudar isso!

Então, ele conclamou seus parceiros a fazerem o mesmo:

– Nós estreamos agora, estamos no início da temporada, essa foi a nossa terceira apresentação. Se continuarmos as apresentações como ensaiamos e apresentamos nos dois primeiros dias, vai ser o nosso maior fiasco. E o que a gente faz até o final da temporada? Apresenta uma peça insossa para uma plateia esvaziada? São nossas carreiras que estão em risco... Nós temos que fazer alguma coisa para reverter essa situação! Eu fiz a minha parte hoje e vocês, o que vocês vão fazer?

Alberto olhou para os amigos de cena e os incitou a subverterem o texto original, em busca de diálogos e cenas engraçadas, em busca do riso da plateia.

– Essa não é a primeira peça que nós encenamos juntos! Nós somos bons no que fazemos... Humor é a nossa praia! E essa peça é boa. Ela só precisa de um ajuste aqui e outro ali para envolver e conquistar o público!

Alberto olhou para Robson, seu irmão, autor e diretor da peça e disse:

– Nós podemos fazer isso juntos!

(...)

Obituário - Diário do Povo - 23/03/2009:

É com profunda tristeza que comunicamos o falecimento do ator Alberto Soares da Alcinha, ocorrido na noite de ontem, dia 22 de março de 2009, após a décima apresentação da peça "Saindo da sombra". O ator foi vítima de um trágico assalto na saída do Teatro Cosmos, onde reagiu aos assaltantes e foi alvejado por dois tiros.

A peça vinha sendo considerada uma das melhores atuações do ator, e sua perda deixa um vazio profundo no meio artístico. O velório do ator será realizado no Cemitério Municipal amanhã, dia 24 de março de 2009, às 10:00h, com sepultamento previsto para as 14:00h. Espera-se a presença de muitos fãs, para a despedida.

(...)

Para cumprir contratos com os patrocinadores e o teatro, em meados de abril, Robson reestreeou a peça, substituindo Alberto por outro ator da companhia teatral. Em entrevistas aos jornais, ele disse que a reestreeia era uma forma de homenagear o irmão, mas a peça que pretendia levar ao palco era a sua versão original, sem as alterações que o irmão e o elenco haviam implementado.

No dia da primeira encenação, no entanto, os atores subiram

no palco e encenaram a peça com as modificações suscitadas e implementadas por Alberto. Ao final da apresentação, Robson, muito irritado, cobrou satisfações dos autores... E eles deram:

– Você tem a sua forma de homenagear Alberto e nós a nossa. Apresentar a peça com as alterações que ele introduziu e que estavam levando o público às gargalhadas, é nossa forma de homenageá-lo!

A peça se manteve em cartaz até dezembro daquele ano, alcançando grande sucesso de público e de crítica! Conquistando, inclusive, um importante prêmio teatral, ao qual Robson agradeceu com um breve discurso:

– Eu recebo esse prêmio, em meu nome e em memória ao meu irmão, que embora não tenha assinado a autoria da peça, nem sua direção, junto comigo, foi o meu grande parceiro!

– Merda! Merda! Merda! – Robson bradava, ao deixar o evento de premiação pelas portas do fundo, antes de terminar o coquetel de celebração... Ninguém o interpretou mal, no entanto, pois desejar merda aos outros, no teatro, é visto como um desejo de boa sorte e incentivo!

Mas cada merda, do seu “Merda! Merda! Merda!”, retratava um sentimento que o sufocava: inveja, raiva e frustração!

Robson sempre viveu à sombra de Alberto. E, depois de morto, passou a viver à sombra do seu fantasma!

“Saindo da sombra” era para ser o seu grito de independência, a grande oportunidade de se revelar como autor, como diretor, em toda a sua grandeza. Pela primeira vez teve autonomia para fazer tudo sozinho, sem dividir tarefas e funções com outros autores e diretores.

Mas Alberto não podia vê-lo brilhar... Ele não conseguia brilhar ao lado do irmão! Ao menos, era assim que Robson percebia.

– Ele tinha que se meter no meu texto e na minha direção. Ele tinha que fazer a cabeça dos outros atores contra mim... Ele tinha que se fazer presente até agora, na minha premiação!

Como Robson poderia agradecer somente em seu nome aquele prêmio, se os atores da peça tornaram público a insubordinação do irmão contra o seu texto original? E ainda atribuíram a Alberto o mérito pelo sucesso da peça, que diziam ser, originalmente, medíocre e enfadonha!

Como doía... Ter feito tudo o que fez, ter sujado as próprias mãos para dissociar a sua imagem da imagem do irmão e, no entanto, permanecer à sua sombra!

(...)

Nenhuma outra peça de Robson fez sucesso. E “Saindo da sombra” não voltou a ser encenada! Sem conseguir se sustentar

como autor e diretor de teatro, ele se tornou um crítico de teatro de um site independente da internet. Mas só conseguia pagar as suas contas, mesmo, por não precisar pagar aluguel e contar com recursos de aplicações e aluguel de imóveis...

Como único herdeiro de Alberto, ele ficou com a cobertura que o irmão acabara de comprar em Ipanema, o Camaro amarelo conversível dele, além de outros bens e investimentos, que ia se desfazendo, pouco a pouco, de acordo com as necessidades.

Na verdade, ele tentou ficar também com a vida e a fama de Alberto, mas não conseguiu. Passada a comoção pela morte do irmão, que motivou a remontagem e a premiação da última peça que ele encenou, cessaram os convites para festas, para estreias de peças e exposições e para participações em programas jornalísticos e de auditório. E nenhuma companhia de atores, produtor cultural ou patrocinador se interessou pelos seus novos trabalhos.

Robson foi sendo, dia a dia, esquecido. Ele ressentia voltar a ser uma sombra, uma sobra. Os jornalistas não o verem como manchete, os profissionais da área não cogitarem produzir os seus projetos, os amigos que “tinha em comum” com o irmão lhe virarem as costas. Mas, sobretudo, durante as noites insones... Robson sentia falta do seu irmão gêmeo, Alberto!

(...)

Sessão policial - Diário do Povo - 29/06/2012

A morte do autor e diretor Robson Soares da Alcunha, ocorrida ontem, dia 28 de junho de 2012, está sendo investigada pela polícia.

Segundo relatos de testemunhas, Robson cometeu suicídio, pulando da janela de seu apartamento. Mas, ao chegar ao local, investigadores encontraram junto ao seu corpo um relógio e uma corrente no pescoço roubados do seu irmão, o ator Alberto Soares da Alcunha, no dia da sua morte.

Lembramos que Alberto Soares da Alcunha foi assassinado em 22 de março de 2009, após reagir a um assalto na saída do Teatro Cosmos, onde apresentava a peça "Saindo da sombra". Na ocasião, o ator foi alvejado por dois tiros e veio a falecer.

A descoberta do relógio e da corrente roubados de Alberto com Robson, levanta suspeitas sobre o envolvimento deste no assalto e morte do irmão.

Despertar-se

– Alvaro?

Há muito tempo ele não era chamado pelo seu nome, por isso demorou a perceber que era a ele que chamavam. Alvaro levantou lentamente a cabeça e se voltou em direção àquela voz, avistando uma bela jovem. Tentou lembrar se a conhecia, mas nenhuma lembrança lhe ocorreu de imediato. Provavelmente ela o conhecia de outros tempos... Baixou a cabeça e tentou retornar aos seus afazeres, mas ela o chamou novamente e avançou em sua direção. Sem saber exatamente o que fazer e sem espaço para recuar, ele tentou se levantar, mas não conseguiu. Se quedou de joelhos à frente da jovem!

– Alvaro? Professor Alvaro Latércio, é você?

Olhando para os pés da moça, ele respondeu:

– Este sou eu, mas quem é você?

– Eu fui sua aluna! – Ela lhe explicou. – No Colégio Santa Rosa, de Niterói, em 2001. Você era o meu professor de Literatura!

– Imagino... – Disse, secamente! – Mais uma das garotinhas apaixonadas pelo professor Alvaro?

– Não, não, não... – Ela foi pega de surpresa pelo questionamento dele.

Ele foi subindo o olhar, então fixos em seus pés, que calçavam sapatos de salto vermelhos, passando por suas pernas bem torneadas e desnudas, por sua saia que começava pouco acima dos joelhos e ia até a sua cintura bem modelada, por sua blusa de pano rendado, que, embora não revelasse, não encobria completamente as formas dos seus pequenos seios, até chegar ao seu rosto, ainda jovem, tão vermelho quanto seus sapatos!

– Na verdade, era... – Ela confessou, constrangida.

– Então não temos nada a falar! – Ele abaixou o olhar e o corpo, voltando a se sentar no chão, e se virou de costas para ela.

De fato, ela nada tinha a falar com ele! – Pensou. – Se um dia sentira atração por ele e mesmo paixão, aquele homem grosseiro e destruído pela vida, apesar de responder pelo mesmo nome, só lhe provocava repulsa! Ela se afastou lentamente dele e seguiu o seu caminho.

Amor secreto

Querido diário, acho que eu estou apaixonada!

Sei que não sou correspondida e nunca serei, pois além de mais velho, lindo e inteligente, o objeto de meu amor, todas as garotas do colégio também gostam dele.

Eu tentei evitar esse sentimento, pois não sou uma garota

atraente, não quero me magoar. Nenhum menino da escola me dá bola, não vai ser o professor mais gato e mais incrível que vai me desejar.

É um amor impossível e secreto. Se qualquer pessoa descobrir, eu vou ser zoada pelo resto da vida! Por isso, eu só assumo o que estou sentindo aqui, em suas amigas e confidentes páginas...

O nome dele é Alvaro, meu professor de Literatura. Entrou no colégio esse ano. Que pena, logo no meu terceiro ano! Sei lá, se eu tivesse alguma chance com ele, até pensava em ser reprovada no vestibular... Mas eu não sou a única menina a babar por ele. A Manú, a Julinha e a Rafaela ficam se arrastando aos pés dele! A Letícia e a Denise ficam só olhando de longe, que eu já vi! E a Janaína finge que não se interessa, mas eu já flagrei ela dando mole para ele pelos corredores.

E eu, com esse corpinho de menina ainda... Ele nunca vai olhar para mim, tendo tantas outras meninas para olhar, já com corpos de mulher. E, mesmo, com experiência de mulher!

As meninas andam dizendo que ele tem fama de galinha e que até já o flagraram transando com a Janaína o banheiro. Mas eu acho que é só invenção... Embora a Janaína fosse bem capaz de ter feito isso. Aquela piranha!

Eu não sei o que eu faço, diário! Por mais que eu saiba que

ele não é para mim e que eu não sou para ele, simplesmente não consigo parar de pensar nele!

Se ele me desejasse, eu lhe ofereceria a minha virgindade! Nem pensaria duas vezes, me entregaria de corpo e alma!

Eu nunca senti algo assim, uma atração tão forte, um desejo tão carnal. Talvez eu esteja amadurecendo. Já era tempo, né, diário? Já estou com 17 anos e nunca namorei!

Aline encontra Julinha no shopping

Depois que as novidades foram colocadas em dia e um breve silêncio se fez, Aline perguntou para Julinha se ela se lembrava do professor de Literatura, do Colégio Santa Rosa.

– E quem poderia se esquecer daquele gostosão? – Julinha respondeu.

– Você sabe se ele ainda dá aulas lá? Tem alguma notícia dele? – Ela queria levantar alguma informação sobre ele, sem ter que revelar que o encontrara e os detalhes do encontro.

Julinha zoou ela:

– Ah, tá... Quem é que dizia que não gostava do professor Alvaro? Que dizia que ele não era lá essas coisas... Eu sabia que você estava caidinha por ele! Teve uma vez que ele elogiou a sua redação e você ficou vermelha que nem um pimentão!

– Não é nada disso... – Aline tentou dissimular. – É que esse final de semana eu estava mexendo nas minhas coisas do tempo do colégio e encontrei algumas de minhas antigas redações...

– Ah, tá... Vou fingir que acredito!

Aline perguntou sobre Alvaro para Julinha porque ela não tinha passado no vestibular e estava cursando o terceiro ano novamente no colégio, então ela poderia saber de alguma coisa. E sabia!

Como gostava de uma boa fofoca, a amiga contou detalhadamente os fatos que ocorreram no ano seguinte à sua saída do colégio:

– Você se lembra da Janaína, que também repetiu de ano? Eu nem te conto. Ela tinha uma fama de piranha, mas, no meio do ano, armou a maior confusão dizendo que o professor Alvaro tinha abusado dela! Eu até acho que eles transaram mesmo, mas quem precisaria abusar da Janaína para conseguir qualquer coisa? Ela dava até para o Serginho da cantina, em troca de lanche!

Em resumo, um escândalo sexual abalou os alicerces do conservador Colégio Santa Rosa de Niterói e o professor Alvaro, mesmo jurando inocência, foi demitido!

– Depois disso, eu nunca mais vi aquele pedaço de mau caminho! – Julinha continuou o seu relato. – Mas dizem que ele não conseguiu lecionar em nenhum outro colégio. E a Letícia jura que um

dia o encontrou perto de um dos portões do Campo de São Bento, junto com um grupo de mendigos, pedindo esmolas! Eu até contornei o Campo de São Bento algumas vezes, para ver se era verdade, mas não o encontrei... Mas a Lê, você sabe como é, ela adora inventar uma história!

A vida dá voltas

Querido diário, cada vez mais me surpreendo com a vida! Você se lembra do professor Alvaro Latércio? Como não, né? Com tantos registros em suas páginas falando sobre ele e nossos nomes emoldurados por coraçõezinhos...

Me achava tola por gostar dele. Me achava feia por não atrair sua atenção. Me achava louca por querer desesperadamente perder a virgindade com ele! Será que algum dia ele leu a minha carta de amor? Que ousadia, que decepção... Mas também, o que eu esperava? Que após ler a minha carta ele saltasse sobre mim feito um animal e me devorasse? Ou, educadamente, recusasse a minha oferta, o meu carinho, o meu corpo, o meu todo?

Ele me esnobou, mas acabou sendo demitido por transar com a maior vagabunda de todos os tempos do Colégio Santa Rosa!

Eu não sei se me sinto vingada ou se sinto pena dele...

Pois, essa semana, eu o encontrei junto a um dos portões do

Campo de São Bento, pedindo esmolos. Na verdade, ele sequer pedia esmolos... Ele olhava para o nada e uma latinha com algumas moedas no fundo, posicionada ao seu lado, pedia as esmolos por ele! E pensar que Alvaro era tão educado e hábil com as palavras. Era tão bonito!

Não sei sequer explicar como o reconheci. Ele estava trajando uns trapos sujos, com o cabelo sem corte e uma imensa barba desgrenhada... Talvez tenha sido pelo livro posicionado junto à lata: Folhas de Relva, de Walt Whitman!

Como esquecer Alvaro recitando, para todas as meninas da sala, como se fosse para cada uma delas, em particular:

“Creio em você, minha alma
O outro que sou não deve rebaixar-se a você,
nem você deve rebaixar-se ao outro.
Folgue comigo na grama,
afrouxe o nó da garganta,
nem palavras nem música nem rimas
estou querendo,
nem costume nem lição,
por melhor que seja:
eu gosto é do acalanto
do murmúrio valvar da tua voz.”

Cooper no Campo de São Bento

Sem saber explicar exatamente porquê, Aline mudou o percurso de sua corrida diária. Ao invés de ir direto de sua casa para a praia de Icaraí, pela rua Mariz e Barros, ela passou a circular diariamente o Campo de São Bento na ida e na volta da corrida.

Ela não guardava ressentimento de Alvaro. Tampouco o censurava por ele ter se relacionado com uma aluna, afinal, não era exatamente ele que as seduzia. Elas é que se ofereciam para ele, com os hormônios à flor da pele. Como ela própria se ofereceu, para o que ele desejasse! E não era novidade nenhuma o envolvimento entre professores e alunas no colégio Santa Rosa. Às vezes resultando na suspensão de um professor ou na transferência de uma aluna para outro colégio. Mas, demissão?

Aline se sentia triste, pois ele era um excelente professor de Literatura! Foi em suas aulas que ela tomou amor pela leitura e aprimorou a sua redação. Influenciando a sua escolha de carreira, no último ano do colégio, abandonando a ideia de prestar vestibular para Direito e optando por Literatura Brasileira.

Ter sido demitido e impedido de lecionar, por ter feito sexo com uma aluna, que à ocasião nem era mais menor de idade, parecia um castigo exagerado...

E não ter conseguido se reerguer ou arrumado outra escola

para lecionar... Não parecia um destino escrito para o professor Alvaro, que ela conhecera. O que mais acontecera na vida dele para que ele se transformasse em um mendigo? Um homem abandonado, sem identidade e sem brilho? Ela não se conformava.

O que foi feito do seu charme? Do seu poder de persuasão? Da sua história? Todos os dias ele tinha uma experiência diferente para contar em sala de aula para os seus alunos... Parecia ter uma vida tão dinâmica e um passado de tantas conquistas. E um futuro tão promissor!

Durante dois meses, no entanto, Aline não voltou a encontrá-lo, para tirar essa história a limpo.

Numa tarde de verão

Os dias estavam mais quentes, por isso Aline mudou o seu horário de corrida para o início da noite.

Um dia, retornando da corrida pelo caminho mais longo, contornando o Campo de São Bento, ela avistou Alvaro. Ele estava ao lado do portão do parque, arrumando seus trapos no chão, aparentemente se preparando para dormir.

Ela se manteve à distância, observando o seu velho professor. Ou o seu velho amor... Ou... Na verdade, ela observava um novo homem, que não era nem um e nem o outro. Ali, diante dela, não

estava nem o professor, nem o seu objeto de desejo e ardor. Estava somente um homem maltratado pela vida, que deveria ter pouco mais de 40 anos, mas que aparentava mais de 50. Mal vestido, desprovido de qualquer bem material, em completo estado de abandono.

Um homem que provavelmente passava despercebido para a maioria das pessoas, mas não para ela, que o conhecera em outras circunstâncias e realidade.

No entanto, esse homem invisível, se acomodou em um cantinho da calçada, acendeu uma vela ao lado de sua cama improvisada e começou a ler um livro. Livro este, tão maltrapilho, sujo e destruído quanto ele próprio!

De professora para professor

Aline tornara-se professora de Literatura e lecionava na Faculdade Apostólica do Rio de Janeiro. No entanto, ela não se sentia mais especial do que o seu velho professor de Literatura. Pelo contrário, Alvaro ainda a inspirava em suas aulas. E, embora ela não fizesse tanto sucesso com os meninos, como ele fazia com as meninas, a sedução foi uma das armas das quais ela se apropriou, tomando-o como exemplo, para manter a atenção dos alunos!

Ela já tinha 24 anos, já tinha namorado, mas nunca viveu uma

relação realmente séria, que almejasse transformar em noivado ou casamento. Usava lentes de contato, ao invés dos óculos de casco de tartaruga que usava na adolescência. As espinhas do rosto tinham sumido, sem deixar marcas na pele. Se exercitava diariamente e não abusava de comidas calóricas, mantendo um corpo bem modelado. E comprava roupas modernas e levemente sensuais.

Que ideia... Aline conciliou o horário da sua corrida com o horário que Alvaro chegava ao seu ponto de pernoite. Por vários dias ela o observou em seus metódicos preparativos para dormir e suas leituras. Por um ato de altruísmo, ou de outro sentimento incompreendido, ela decidiu convidar o antigo jovem e belo professor e atual velho e metódico mendigo para morar em sua casa.

Simplemente, foi invadida por essa inexplicável vontade de cuidar dele! Por sua cabeça, passava a possibilidade de resgatar o velho professor daquela realidade e lhe devolver o prazer de viver, o gosto de lecionar e, por que não, o desejo de amar?

Mas não era só isso... Apesar do seu aspecto degradante, pouco a pouco ela se encantou novamente por ele. Lhe chamava atenção a forma como ele arrumava a sua cama de trapos, cuidadosamente... Como ele retirava de sua pequena bolsa, estilo carteiro, uma caixa de velas e uma caixinha de fósforos. Acendia a vela, pingava umas gotinhas de cera derretida no chão, ao lado da

cama improvisada, e a fixava de pé no solo... Então ele guardava as caixinhas de velas e de fósforos de volta na bolsa e dela retirava um livro. Um livro diferente a cada três ou quatro dias... Então ele se deitava no chão e lia, lia, lia... Até adormecer!

Em uma noite de sábado, depois de voltar para casa da corrida e tomar um demorado e perfumado banho, Aline voltou ao Campo de São Bento, para fazer o convite a Alvaro. De pé, ao seu lado, ela o chamou:

– Alvaro!

Ele olhou para ela, desviando o seu olhar do livro que lia, sem, no entanto, mudar de posição.

– Aline... – Ele respondeu!

Ela ficou intrigada, pois não tinha lhe dito o seu nome no primeiro encontro.

– Eu me lembrei de você! Você era a menina que escrevia belas redações.

De repente, sem ela pensar no que iria dizer, lhe escapuliu:

– Você leu a minha carta?

Ele se sentou, pegou a sua bolsa e retirou de dentro dela o livro do Whitman. Ele abriu o livro em uma página, que parecia marcada por... uma carta! A respiração dela quase parou... Ele tirou de dentro do livro o velho envelope, que continha o seu nome escrito à frente e o devolveu à Aline.

Novamente o amor?

Aline não entendeu... Alvaro lhe devolveu a carta escrita por ela, anos atrás, e lhe presenteou com o seu tão estimado livro!

Whitman falava muito sobre amor, mas ela não compreendeu se o gesto do seu ex-professor, ao presenteá-la com o seu velho exemplar do autor, representava uma demonstração ou uma declaração de amor... Depois de lhe devolver a carta e lhe dar o livro que guardava como um bem precioso, ele se voltou para o lado, como da primeira vez, e não respondeu a mais nenhuma pergunta dela.

Tendo o encontro fugido ao planejado, ela abandonou, temporariamente, a ideia do convite que faria a ele. E retornou para casa, com o livro e a carta nas mãos, o mais rápido que pode. Precisava de respostas. Elas estariam ali? Talvez em uma anotação feita na carta... Talvez um poema de Whitman dedicado a ela? Talvez em uma anotação ou declaração de amor? Um coraçãozinho, emoldurando o nome dela e o nome dele, como os que ela tinha em seu diário?

Ela folheou o livro e nada percebeu. Não continha dedicatória, não continha anotações, nem marcações e a página que abrigava a carta continha um poema sobre metafísica. Ela abriu a carta e tampouco nela havia anotações ou marcações... Ao menos,

não trazia correções de ortografia, nem de gramática! Então ela releu a carta que escrevera para ele, cuja vergonha lhe roubara a lembrança dos detalhes. E se assustou com o que tinha escrito, anos atrás, tão jovem e inexperiente:

“Alvaro,

Talvez seja ousadia minha, ou mesmo loucura, mas eu não comporto mais dentro de mim o que estou sentindo!

É amor, é paixão, é só tesão, eu não sei... Algo completamente novo. Incompreensível, intenso e incontrolável...

Eu preciso de você!

Mesmo que você não goste de mim ou não me deseje tanto quanto eu te desejo, por favor, ou por fazer, somente... Faz amor comigo!

Eu sei que você pode ter a garota que quiser, mas nenhuma garota irá te querer tanto quanto eu te quero. Não vou medir esforços e nem ter pudor, para satisfazer e atender todos os seus desejos e vontades!

...”

Que lixo!

À época, ela já escrevia textos bem melhores... E, mesmo para Alvaro, tinha feito lindas declarações de amor em seu diário.

Mas aquela carta não era uma carta de amor, era de desespero. Era sórdida, mesmo! Nela, Aline se oferecia ao abate para o seu objeto de desejo. Como se fosse um bicho, uma mulher da vida, uma piranha qualquer.

Ela não compreendeu porque ele guardara aquela carta por tanto tempo.

Antes de enlouquecer, novamente, pelo mesmo homem, ela decidiu tirar a limpo com Alvaro as suas intenções. Mas, no dia seguinte, somente. Pois, antes, passaria a noite inteira a sonhar!

Por quê?

– Eu não entendo... Por que você guardou a minha carta?

Alvaro olhou para Aline, que se ajoelhou diante dele, e lhe confidenciou:

– Porque um dia eu também amei alguém assim!

Ele não estava se referindo a ela. Era evidente! Seria...

– Você está falando da Janaína?

Ele riu e acenou negativamente com a cabeça...

– Não...

Um breve silêncio se fez, antes dele revelar seu porquê, no qual um sorriso se formou e se deformou algumas vezes em sua face. Revelando vontade, medo, alívio, insegurança, entre outros

sentimentos contraditórios...

Então ele prosseguiu:

– Me desculpe frustrá-la, Aline, mas... eu sou gay!

Roda vida, roda gigante...

Alvaro foi demitido por um suposto envolvimento com uma de suas alunas. Mas ele estava, na verdade, envolvido com o diretor do colégio. Que, por sua vez, tinha um outro compromisso: com a Igreja!

O Colégio Santa Rosa pertencia a uma congregação religiosa, e o seu diretor era um padre. Padre Humberto Vilheone. Que, além de diretor da instituição de ensino, era membro do Comitê Estadual de Defesa da Moral e dos Bons Costumes da Igreja Católica de Niterói. Um homem íntegro e de reputação imaculada!

Por esse homem, o jovem professor se apaixonou, perdidamente. Talvez, mesmo, doentamente. Não aceitou tê-lo em segredo, tê-lo em parte, somente. Passou a demonstrar seus sentimentos publicamente e a criar cenas embaraçosas para o padre. Mas suas atitudes, ao invés de aproximar os dois, surtiu efeito contrário. Quando Humberto terminou a relação que mantinham, Alvaro ameaçou tornar público o envolvimento dos dois.

No dia seguinte, no entanto, policiais o aguardavam na porta

da sala de aula, acompanhados de uma jovem estudante, que o acusava de abuso sexual. E essa história, não a que ele pretendia trazer a tona, circulou entre alunos, professores e diretores de todos os colégios de Niterói e do Rio de Janeiro. E só não foi noticiada nos jornais, pois os advogados do colégio conseguiram um acordo financeiro com a jovem, evitando o processo e o desgaste para todas as partes.

Desacreditado, Alvaro não era recebido por ninguém com quem pudesse compartilhar a história que viveu com o diretor do colégio e suas suspeitas sobre a denúncia de abuso sexual da estudante. Foi difamado e isolado socialmente. Não era convidado para entrevistas de emprego em outros colégios e todos os amigos, que acreditava ter, lhe viraram as costas.

Em função disso, foi consumindo suas reservas financeiras. Tentou recomeçar em outros empregos, mas terminava sempre sendo demitido. Pois chegava atrasado ao trabalho e, por vezes, saía para almoçar e não voltava ou faltava sem avisar, simplesmente.

Ele se tornou obcecado por Humberto. Se escondia nas proximidades do colégio ou de lugares que seu ex-amante costumava frequentar, para vê-lo de longe. Algumas vezes tentava se aproximar, para falar com ele. Foi detido por policiais duas vezes. Na terceira, foi conduzido à uma delegacia, onde se envolveu em uma confusão e desacatou o delegado. Depois de alguns dias detido

na delegacia, se comportando como um louco, foi transferido para um manicômio, onde acabou passando dois anos internado.

Ao receber alta, havia perdido tudo o que possuía. Seu apartamento foi retomado pelo banco credor e leiloado. Seus pertences se extraviaram em um depósito público. Ele acabou indo morar na rua. Mas a perda mais sentida por ele foi a perda do seu objeto de amor e do seu amor próprio. O diretor do colégio foi transferido para novo colégio e nova paróquia, em outro estado.

A única coisa que lhe confortava era a leitura!

Sorrisos formados e deformados

Durante todo o dia seguinte, o sorriso de Aline, tal qual o de Alvaro, ficou alternando entre se formar e se deformar em seu rosto. Mas ela evitou se olhar no espelho, temendo confirmar o seu desgosto ou, pior, o seu divertimento.

Na semana seguinte, ela teve uma palestra para elaborar... Na outra semana, teve uma aula para preparar... Na outra, um seminário ao qual não podia faltar... Na outra, na outra, na outra... Assim, sucessivamente, as suas semanas foram passando sem lhe sobrar tempo para correr. Tampouco para pensar em Alvaro ou procura-lo!

Ela passou a malhar em uma academia ao lado da sua casa e

começou a escrever um livro. Era uma ideia antiga, que tinha desde os tempos das aulas de redação no colégio, mas que não tinha a ver somente com o seu professor de literatura. Tinha a ver com a imensa insegurança que sentia diante de todos e da vida.

Mergulhou de cabeça na escrita e depois de um ano e meio o livro estava pronto e uma editora o publicou.

Ela estava com medo, na noite de autógrafos, mas se lembrou de um conselho que recebera muito tempo atrás, do idolatrado e amado professor Alvaro:

– Nunca tema os seus sonhos... Tema não tê-los!

O lançamento do livro foi um sucesso e os meses seguintes foram repletos de compromissos: entrevistas, palestras, noites de autógrafos... “Despertar-se”, o seu primeiro livro, se tornou um best seller e Aline, de uma hora para a outra, uma celebridade.

Uma última volta no Campo de São Bento

– Aline...

Dessa vez foi Alvaro que iniciou a conversa:

– Eu vi a sua foto em um jornal que rolava pelo chão... Você lançou um livro!

Ela confirmou com a cabeça e lhe contou outra novidade:

– Eu fui convidada para lecionar em São Paulo!

– E você vai?

– Sim, eu vou...

Um silêncio se fez...

Aline retirou da sua bolsa um exemplar de seu livro e o entregou a Alvaro.

Ele perguntou:

– Não vai me fazer uma dedicatória?

Antes de se virar e ir embora, para nunca mais retornar, Aline lhe disse:

– Ela está impressa, na página 5!

Sozinho, Alvaro abriu o livro na página 5, que continha a dedicatória do livro, e começou a ler:

“Às vezes, a noite se torna escura, sem lua e sem estrelas. E a gente sai Tateando ao nosso redor, em busca de um interruptor para acender uma luz. Ou de uma vela e um isqueiro, mesmo sem gás, que seja somente para riscar o escuro com sua fagulha, nos distinguindo do nada e trazendo esperanças ou sonhos. Com medo, acabamos acreditando que precisamos ser “salvos de” ou “protegidos por”. Pensamos que somente um grande amor pode dar sentido à nossa realidade, ou projetamos nos outros a imagem de super-heróis que surgirão na hora “H”, no local “X”, para nos proteger dos perigos ou salvar a nossa vida! Mas nem sempre o amor se concretiza e, tampouco, os nossos super-super surgem nas

horas em que mais precisamos. Foi somente quando eu desisti de me procurar fora de mim, de me procurar nos outros, quando eu parei de temer o escuro e fechei os meus próprios olhos, que eu me encontrei. Ao perceber que o amor e a força que tanto me faltavam estavam o tempo todo dentro de mim!

Dedico este livro ao meu professor de Literatura do Ensino Fundamental, Alvaro Latércio. O meu maior amor não consumado, o meu super-herói sem poderes!”

O processo

Eu não sabia o que pedir. Como assim, ter direito a três desejos realizados? Pego desprevenido, sem ter tempo para raciocinar. Pensei que fosse uma brincadeira e pedi a mulher mais linda do mundo. E, plim... A Gisele Bündchen surgiu ao meu lado!

Então eu me empolguei e pedi uma cobertura na Vieira Souto e uma Ferrari vermelha, para desfilarmos com a Gi pela orla de Ipanema!

Eu fui inconsequente, confesso. Só pensei em mim mesmo e em mais ninguém. Mas, tenta entender, eu tenho uma vida de sacrifícios. E sempre fui muito correto, muito íntegro...

Além do mais, não é todo dia que a gente se depara com uma fada e tem uma oportunidade como essa!

Falando de homem para homem, Sr. Juiz, o senhor conheceu a minha esposa, né? Ela é assim, assim... E a Gi... O senhor com certeza já viu ela pela televisão e nas capas das revistas... A mulher é um espetáculo! E ao vivo e em cores, então, é mais bonita ainda!

Eu abri a capota da Ferrari e desacelerei na Atlântica para neguinho babar... Sabe o que é isso? Eu nunca soube, mas vou te contar. Todo mundo olhando para mim, dirigindo um carrão e acompanhado de um avião. Foi demais, cara. Uma sensação indescritível!

Eu estava louco para levá-la logo para a cobertura, para tomar um vinhozinho com ela e, enfim... Mas me estendi por outras orlas cariocas a me exibir.

Poxa, a minha esposa Luiza tinha que entender. Uma coisa é sair por aí pegando geral ou, pior, manter mulher em casa e amante na rua. Muitos amigos meus fazem isso! Mas isso eu nunca fiz. Em 27 anos de casado, eu nunca traí a minha esposa!

Ela tinha que entender que o que rolou... Com a Gi... Foi uma coisa diferente, nem sexo rolou...

Infelizmen... digo... foi só... coisa de homem!

Eu dediquei toda a minha vida ao trabalho e à minha família! Todos os sacrifícios que podia fazer eu fiz, pela minha esposa e pelos meus filhos. E quando as coisas começaram a melhorar para mim, quando eu comecei a me destacar na profissão, a ganhar mais dinheiro e ser reconhecido, eu não saí fora não. Permaneci ao lado deles!

Eu podia ter saído por aí esbanjando. Gastando o meu dinheiro comigo mesmo ou com mulheres. Mas não... Todo o dinheiro que eu ganhava eu levava para casa. Todo dia eu voltava para a minha esposa e para os meus filhos!

Continuei acordando cedo, saindo de casa para o trabalho sem ter hora para voltar... Dedicando 12, 13, 16 horas dos meus dias ao trabalho! Às vezes, eu não tenho tempo sequer para almoçar

direito.

Eu pouco desfrutei do dinheiro que ganhei. E, tampouco, percebi gratidão por parte da minha esposa, pela minha generosidade e dedicação.

Quando eu saía para a rua, a minha mulher dizia “tchau” e, quando retornava “oi”. No início do nosso relacionamento, ainda tinha o “amor” ... “Tchau, amor”! “Oi, amor”! Mas ele acabou sendo suprimido. E até o sexo ganhou uma hora certa e um dia da semana para ser feito: toda terça, às 19:30h, depois do jantar!

Eu me sinto constrangido em dizer, Sr. Juiz. Mas... assim era a minha vida. Insossa, sem sabor e sem cor!

Eu gostei! Não posso negar... Gostei muito! Adorei ser olhado por todo mundo, ser invejado. Adorei fugir da rotina! Eu me senti vivo! Como há muito tempo eu não me sentia. Foi um sonho!!!

Você sabe o que é viver toda uma vida sem sonhar, Sr. Juiz? Sem se aventurar, sem se atirar no escuro, sem desfrutar dos prazeres da vida?

Quando a fada Sá apareceu e me ofereceu a possibilidade de realizar três desejos, eu pensei em mim. Nos sonhos que eu nunca tinha sequer sonhado. Nos sonhos que eu nunca tive oportunidade ou coragem de realizar... Pela primeira vez na vida, eu deixei tudo de lado, deixei todos de lado e pensei somente em mim. Só em mim!

É uma ingratidão o que está acontecendo, Sr. Juiz. O que a

Luiza fez... Ao final do dia, eu retornei para casa! Estava disposto a retomar a minha rotina normalmente. Eu me sentia, mesmo, revigorado. Estava pronto para mais 27 anos de casamento e de sacrifícios.

Mas a minha esposa tinha colocado as minhas malas, com as minhas roupas, do lado de fora da porta do nosso apartamento. E não abriu a porta sequer para conversarmos quando eu bati. Simplesmente me deixou trancado do lado de fora, me excluiu da sua vida, como se eu fosse qualquer um!

É claro! As amigas dela já tinham ido fofocar no ouvido dela. Encheram a cabecinha oca dela com ideias... Aquelas invejosas!

E os meus filhos também ficaram a favor dela e contra mim!

É uma ingratidão... Uma ingratidão o que ela está fazendo. O que eles estão fazendo comigo!

Sr. Juiz, tudo o que eu mais quero na minha vida é me entender com a minha esposa. Ser perdoado e respeitado pelos meus filhos...

Mas, se não for possível a gente se entender... Se não for possível tudo voltar a ser como era antes e a gente voltar a morar juntos... Eu... Eu... Vou compreender! Eu sei que o que eu fiz foi errado! Não vou negar a minha culpa ou fugir às consequências.

Se for realmente isso o que ela quer, se for realmente isso que os meus filhos querem... É minha responsabilidade fazer um

acordo bom para ela. Bom para os meus filhos também! É isso que eu quero...

Mas, Sr. Juiz... Além do apartamento que nós morávamos e metade dos meus bens, a minha esposa está pedindo uma mesada de R\$ 200 mil. E com direito a 13°!

Eu estou passando por um momento desfavorável. O senhor tem que entender. Eu já tentei explicar para a minha esposa, mas ela está irredutível. Quer mais é que eu me exploda! Ela não tem coração. Por causa de uma coisinha à toa, apagou todo o nosso passado.

Eu sofri um grande revés financeiro! E ainda não consegui me recuperar...

Aquela safada. Aquela fada safada. A fada Sá. Não me explicou direito as regras do jogo! E eu confesso que, na empolgação, não li as letrinhas miúdas do contrato...

Quando chegou ao final do dia, eu quis levar a Gi para o quarto, mas ela disse que a diária dela tinha acabado. E me apresentou uma fatura de R\$ 1,35 milhão pelas cinco horas de trabalho!

Também me ligaram da locadora de automóveis cobrando uma multa de R\$ 5 mil por não ter devolvido a Ferrari na hora combinada e outros R\$ 10 mil pela diária!

E quando eu desci da cobertura, implorando de joelhos para

a Gi ficar mais 30 minutinhos... Só mais 30 minutinhos... Era todo o tempo que eu precisava com ela, 30 minutinhos e nada mais. Tinha um corretor me esperando na portaria do prédio com um contrato de R\$ 30 milhões para efetuar a compra do imóvel!

Só de multa por desfazer o negócio eu tive que pagar R\$ 150 mil!

Sr. Juiz, eu ainda estou atordoado com os últimos acontecimentos. Sabe quando a ficha demora a cair? Por isso eu peço desculpas por esse desabafo!

Eu sou advogado. Sou o melhor no que faço! O senhor sabe... Eu já estive nesse mesmo tribunal diversas vezes, diante do senhor. Sei que não deveria me dirigir dessa forma ao senhor. De forma alguma, poderia me comportar assim em um tribunal. Mas eu imploro... Meritíssimo...

Caído de joelhos, diante do Juiz, da sua família, do advogado da esposa, dos jurados, dos funcionários do Fórum e da plateia, Dr. Ferdinando implorou:

– O apartamento, 30% dos meus bens e R\$ 100 mil por mês de pensão, sem 13°!

Desesperança

Esperança era o nome da síndica. Uma velha rancorosa que não gostava de crianças e que tratava mal a todos os condôminos. Talvez influenciada pelo ditado “a esperança é a última que morre” ela se perpetuava na vida e no cargo. Quem muito vive, vive a perder a vida. No caso de dona Esperança, ela perdia diariamente a si própria! Mas ela ocupava o cargo certo e estava no lugar exato, eu logo descobri: Rua Desembargador Ferreira, edifício número 364...

Além dela, que morava no andar abaixo ao meu, o prédio abrigava uma legião de pessoas sofridas e rancorosas. Nem todas tão vividas, como dona Esperança... Eram jovens, adultos e crianças a se insultar e a se confrontar na portaria, nas escadas, nos elevados e nos corredores, portas adentro e afora dos apartamentos.

Aquilo não entrava em minha cabeça. Desembargador Ferreira era uma boa rua, localizada no Leblon, um dos mais nobres bairros do Rio de Janeiro. O edifício também era de nível elevado, com apenas sete andares, composto por portaria, garagem e um apartamento de três quartos por andar, com dependências completas e garagem. Não era endereço para qualquer um... O que acontecia ali, então?

Desenvolvi uma teoria que, embora não tenha conseguido

comprovar, me pareceu pertinente. O prédio teria sido construído sobre uma fonte de energia negativa, algum tipo de radiação. Talvez, antes da sua construção, funcionasse no local uma clínica radiológica, de radioterapia, de rádio qualquer coisa... Tendo permanecido ali, bem abaixo dos pés dos moradores, algum aparelho danificado ou, simplesmente, a radiação entranhada no solo. E essa radiação foi se alastrando pelos alicerces do edifício, tomando a sua estrutura, contaminando a tudo e a todos que se instalavam naquele endereço.

Eu temia por mim. Imaginava-me, depois de algum tempo morando ali, sendo tomado por essa energia, contaminado por esse substrato radiativo misterioso, de bate-boca com os vizinhos, gritando insultos pelas janelas do meu apartamento, mandando a esperança para o espaço!

Mas, ao invés de me render à agressividade, peguei caneta e papel e fui para a janela. Tomei o meu lugar nela, não para me juntar ao coro dos desordeiros, mas, sim, para anotar... Passei meses registrando todas as brigas que ocorriam, entre maridos e esposas, pais e filhos, amigos e inimigos de porta. Juntei folhas e folhas de anotações, numa apuração completa de um período da vida de todos os que ali coabitavam.

Eu não tinha a menor ideia do que fazer com aquelas anotações. A princípio, anotava somente por anotar e também para

não me sentir tentado a participar daquele caótico espetáculo. Mas, depois, percebi que as minhas anotações poderiam ser úteis. Observando os conflitos, percebi alguns padrões estabelecidos de horários, motivações, combinações de protagonistas, entre outros. E, com base nas anotações, adotei estratégias de sobrevivência que fizeram de mim um dos únicos moradores do edifício a não se envolver em conflitos.

Eu me mantive, durante 2 anos, 7 meses e 27 dias, assim, limpo de radiação!

No quinto andar, aconteciam discussões diárias entre dona Esperança e a sua filha, uma mulher quarentona, quase cinquentona, que acabara de arrumar um namorado, para desgosto da velha... A mãe passava o dia perseguindo a filha pelos cômodos da casa, dando-lhe “bons conselhos” e broncas, em alto e bom tom. Reclamava quando a filha estava no telefone, quando estava sonhadora na janela, quando saía, quando voltava, quando falava, quando calava, quando comia ou era comida. Deus me livre!

No quarto andar, as brigas eram bem mais violentas. O filho rebelde e a mãe autoritária destruíam o apartamento, atirando, simultaneamente, objetos de decoração e utensílios domésticos, um contra o outro. E a galera, das suas janelas, horas torcia pela mãe, horas pelo adolescente, assistindo a vassouras voadoras, copos, garrafas, pratos, talheres, roupas, sapatos... Mas nunca ninguém

voou pela janela do apartamento, pois nelas existiam grades, impedindo a passagem de corpos.

No terceiro andar, mãe e pai se alternavam na tarefa de educar – ou deseducar – uma fogosa adolescente que vivia pelos corredores de agarramento com os seus namorados e um garotinho, que, coitado, até tentava manter-se lúcido, apesar da família que tinha. O problema é que o casal não levava muito em conta a tal da psicologia moderna, que vê com maus olhos a palmadinha educativa. E os vizinhos, tampouco! Indiferentes ao “para, pai”, “para, mãe”, gritado pela mocinha e pelo menino – que se interpunha entre os pais e a irmã, na tentativa de evitar que ela levasse uma nova surra. A galera botava era mais fogo na fogueira, gritando: bate mesmo, ela merece!

Já no segundo andar, as brigas eram entre uma mulher traída e submissa e o seu marido, que fazia tipo de conquistador barato. O problema é que ela era enorme de grande e ele franzino. Vez por outra, ela se rebelava à sua condição e armava a maior confusão. As brigas normalmente se iniciavam por ligações feitas ou recebidas por ele, pelo celular, descobertas por ela. E terminavam com ele e seu celular despedaçados no chão!

E eu prosseguia em minha janela, registrando os conflitos da forma mais imparcial possível. Anotava as motivações, o nome dos envolvidos, os palavrões ditos por cada um. Não apontava quem

tinha ou não tinha razão, pois, na maioria das vezes, inexistiam razões a serem atribuídas... Fazia um cabeçalho com data, hora e seguia registrando: quem disse o que, quem tacou o que e por aí vai...

Mas o que mais me chamava atenção nas brigas e discussões dos moradores do prédio é que elas não se restringiam aos personagens centrais das brigas. Não havia lá a distinção entre o público e o privado! Noções de educação e respeito ao próximo eram deixadas de lado. E nem mesmo antigas lições tinham valor, como, por exemplo, não se meter a colher em briga de marido e mulher... Ali, todo mundo metia a colher na briga de todo mundo, fossem elas de casais de namorados, de pais e filhos, de subsíndico com vizinhos, de síndica com funcionários, acalorando ainda mais as discussões!

E quando as coisas pareciam tranquilas, sem ninguém a levantar a voz, era Mocréia que o fazia. Uma pobre arara que era mantida pelo zelador aprisionada no térreo, que, impossibilitada de simplesmente bater asas e fugir daquele pandemônio, para quebrar o silêncio, repetia, atordoada e confusa, os palavrões que aprendera ao longo dos anos.

Para finalizar, que dor de cabeça...

No sétimo andar, o apartamento que ficava acima do meu, um coroa que sempre que bebia e bebia sempre, regulava o som do

seu aparelho de som além do que as normas de boa vizinhança recomendavam. E ficava falando sozinho da janela, mais alto, mesmo, do que o próprio som, que já incomodava. E quando alguém “delicadamente” pedia para ele desligar o som, calar a boca ou ir dormir, acompanhado de um “Velho cachaceiro!”, aí é que tremia meu apartamento. Ele girava o botão do volume ao máximo e começava a gritar impropérios e a atirar coisas pela janela!

Confesso que me alegrei quando, certo dia, ele atirou o próprio aparelho de som pela janela. Mas minha alegria durou pouco. Logo, ele adquiriu um aparelho de som mais moderno e potente. Com entrada para microfone, que ele passou a utilizar para falar e xingar ainda mais alto!

Bem, é isso aí... Quer dizer, teve um pequeno incidente no meu andar também. No sexto andar. Mas foi só uma vez, foi um dia só... Os moradores organizaram um Varal Cultural na portaria do prédio e eu fixei nele as minhas anotações. Achei que poderia motivar a reflexão e o debate sobre a agressividade no prédio e a falta de respeito que imperava entre os moradores, estimulando a busca de soluções para um convívio mais harmônico entre os condôminos. Minha proposta, no entanto, não foi muito bem compreendida.

Mas isso é coisa passada. Não ficou ressentimento nenhum... Eu não guardei mágoas de ninguém, sabe... Sobrevivi ao

Desembargador Ferreira, 364!

Às vezes, até me bate saudades daquele lugar... Da minha cama, dos meus armários, das minhas roupas, dos meus objetos pessoais, do meu celular Motorola tijolão, dos meus discos de vinil, dos CDs, dos DVDs, de todos os meus eletrodomésticos, do meu abajur lilás, da minha poltrona, do meu computador novinho, das minhas fotos do tempo de criança, da minha câmera digital, da última fatia de meu bolo predileto, do meu chinelo de palha de Visconde de Mauá, dos meus cadernos de notas, da minha esperança... Que se queimaram com todo o resto do meu apartamento!

Procura-se esposa

“Procuro esposa, entre 50 e 60 anos, com bom nível cultural, que seja bonita, curta as boas coisas da vida e possa bancar as minhas despesas. Gosto de viajar, de passear, de bons restaurantes e, sobretudo, de namorar. Tenho 55 anos bem vividos, sou viúvo e não tenho filhos, estando completamente disponível para uma relação séria e duradoura. Possuo curso superior completo em Administração, falo fluentemente o inglês e o francês, sou ex-empresário, mas, por obra do destino, me vejo em avançada idade e falido. Não desejo explorar ou enganar ninguém, desejo, somente, desfrutar de uma velhice tranquila ao lado de uma boa mulher!”

O anúncio, que foi publicado nos classificados de um jornal de grande circulação e estava sendo retransmitido pela internet de email em email, como uma piada, e chegou à caixa postal de Júlia. Ela chamou as amigas do trabalho para mostrar o recorte do jornal na tela do seu computador e leu o seu conteúdo em voz alta, para que todas pudessem ouvir... A gargalhada foi geral! Somente Maísa, a funcionária mais velha da repartição, defendeu do Sr. Carlos, conforme estava assinado no anúncio:

– Vocês não têm vergonha de debochar assim desse senhor? É do desespero de um homem de 55 anos que vocês estão rindo! E

ele está somente correndo atrás da felicidade dele, não está fazendo mal a ninguém... Qual o problema? Quantos homens não bancam mulheres mais jovens quando estão velhos? Chega a ser imoral, uns moribundos acompanhados de garotinhas e ninguém fala nada!

Júlia entreolhou as outras meninas, incrédula com a defesa que Maísa fazia ao anúncio do Sr. Carlos... Ela esboçou um pedido de desculpas para a amiga, mas as suas palavras, tão falsas como a cor dos seus cabelos, não detiveram o discurso da veterana da seção:

– Vocês são jovens, bonitas e cheias de vida, mas o tempo vai passar para vocês também. E tudo fica mais difícil com o avançar da idade! Hoje eu estou com pouco mais de 50 anos, mas também já fui uma cocotinha da repartição, como vocês... A vida passou e eu continuei aqui, fazendo a mesma coisa de sempre. A idade chegou e nenhum príncipe encantado me resgatou daqui para viver um conto de fadas. Tenho uma boa situação financeira, não tenho marido, não tenho filhos. Sou sozinha. Completamente sozinha... Esse anúncio me parece, mesmo, atraente!

As meninas, com esforço, contiveram o riso. Mas, evidentemente, já lhes passava pela cabeça o tema das piadas da hora do almoço... No entanto, foram surpreendidas, uma vez mais, por Maísa, citando a hora do almoço:

– Eu até me imagino na hora do almoço, chamando todo mundo para a minha mesa e compartilhando a novidade... Olha,

gente, eu me casei! Encontrei um marido ótimo nos classificados de um jornal: 55 anos, pouco rodado, maquinário funcionando perfeitamente! Fiz um test-drive e não me contive, tive que comprar!!!

Era uma piada, evidentemente! Todas caíram na gargalhada e entraram na brincadeira...

– Mas ele vem com garantia?

– Você já fez o seguro? Vai que você sofre um acidente ou alguém o rouba, você vai ficar no prejuízo...

– Olha lá, heim... Homem de segunda mão costuma dar muito problema!

(...)

Maísa estava em casa, entediada, sentada em sua poltrona, diante da televisão, passando os canais para lá e para cá, quando se deparou com a chamada de um programa: Procura-se esposa! Ao lado da apresentadora, estava um senhor que aparentava 50 anos, muito bem vestido e sorridente. Ela se lembrou do anúncio e resolveu assistir ao programa!

Era mesmo o senhor do anúncio, Carlos, que protagonizava o quadro. A apresentadora do programa disse que resolveu convidá-lo para participar do programa devido ao sucesso que o anúncio dele

estava fazendo na internet. Ela fez várias perguntas, que ele respondeu com desenvoltura, falando sobre a sua vida e sobre os motivos que o levaram a publicar o anúncio.

Ele era um empresário bem sucedido. Era o que dizia... Mas, com a esposa doente, ele foi obrigado a abandonar os negócios e consumiu todos os recursos que havia juntado durante anos de trabalho no tratamento dela, na esperança de vê-la curada. No entanto, após cinco anos de luta contra um câncer, a sua esposa faleceu. Ele tentou retomar a sua vida e os negócios, mas não conseguiu. Então, sem saber o que fazer, ele teve a ideia:

– Se eu planejara uma velhice tranquila, ao lado da minha esposa, desfrutando dos recursos que eu havia conquistado com o meu trabalho, por que não o oposto? Por que não ter uma velhice tranquila, ao lado de uma mulher, desfrutando dos recursos que ela tenha conquistado? Entrei em uma agência de classificados e, com meus últimos recursos, publiquei o anúncio!

O auditório caiu na risada, mas ele não se intimidou. Aguardou ansioso o segundo bloco do programa, no qual a apresentadora divulgaria um telefone para que as mulheres interessadas em sua proposta pudessem falar com ele ao vivo.

Carlos foi massacrado pelas telespectadoras, que ligavam uma após a outra, debochando dele e da sua proposta. Elas não respeitaram a sua idade, nem a sua postura digna, pois ele se

apresentara durante todo o programa com decência. E, embora fosse realmente diferente a sua oferta/pedido, ela não era tão absurda e tampouco imoral. No entanto, as telespectadoras que ligaram estavam sendo impiedosas e desrespeitosas com ele.

Maísa se apiedou dele. Chegou a pegar o telefone para ligar para o programa e falar em sua defesa. Mas identificou a voz de uma das meninas da repartição, lhe passando uma descompostura:

– O senhor devia tomar vergonha nessa cara! Com 55 anos de idade, querer se pendurar nas barras da saia de uma mulher... Lá onde eu trabalho, tenho uma amiga de 53 anos que é a melhor funcionária do setor! Vai trabalhar, vagabundo!

Maísa desistiu de ligar...

Envergonhado, o Sr. Carlos se despediu da apresentadora e foi se retirando do palco. Em tom de divertimento, a apresentadora finalizou a participação dele no programa, dizendo:

– Hoje, o Sr. Carlos não conseguiu uma companheira! Mas não perca as esperanças, Sr. Carlos, pois os telefones e o e-mail do programa estarão à disposição do público para que as mulheres interessadas em sua proposta possam deixar recados para você. E, a qualquer novidade, nós entraremos em contato! Quem sabe o senhor não retorna ao nosso programa acompanhado de uma bela e afortunada senhora?

Impiedosos, os produtores do programa deram um close no

rosto de Carlos, que continha o choro. E foram acompanhando sua lenta saída do palco, sob as vaias da plateia!

(...)

No dia seguinte, na repartição, o assunto não poderia ser outro. Logo que Maísa entrou na sala, as meninas começaram as piadinhas:

– Ih, Maísa, ontem eu vi o seu futuro marido na televisão...

– É, menina, até que ele dá para o gasto. Para quem estiver disposta a gastar com ele, evidentemente!

– Ele estava com o para-choque meio caidinho, caidinho...

Mas até que tem uma boa lataria, isso eu não posso negar!

Maísa preferiu não dar atenção às piadinhas e tampouco criticar Júlia pela grosseria que ela fizera com Carlos! Foi para sua mesa, se sentou, ligou o computador e, olhando para as meninas, perguntou:

– E aí? Ninguém tem nada mais importante para fazer, não?

(...)

A semana passou sem grandes novidades. Carlos foi esquecido no escritório, pois novos e-mails circularam com novas

piadas e novos personagens, chamando para si a atenção dos internautas. Durante as noites e no final de semana, Maísa se sentou em sua poltrona, diante da televisão, como sempre fazia, para se entreter. Mas, ao invés de ficar passando os canais para lá e para cá, sintonizou o canal do programa em que ele tinha se apresentado.

Ela não sabia exatamente o que esperava ver. Não acreditava que ele voltaria ao programa, depois de ter sido escorraçado de lá da forma que foi. E, de fato, durante os programas que se seguiram a apresentadora não fez nenhuma referência ao Sr. Carlos.

Em uma das noites, perplexa, Maísa assistiu a uma entrevista de um belo jovem, que não estudava e não trabalhava, mas dizia que desejava um compromisso sério, com uma mulher madura. Ao invés de vairs, as mulheres do auditório fizeram fiu-fiu para o rapaz e dezenas de telespectadoras ligaram oferecendo um mundo de vantagens para ter o jovem ao seu lado!

Maísa pensou em mudar de canal, então se lembrou que ao final da exibição, já nos créditos do programa, era exibido o e-mail da produção do programa. Com lápis e papel em mãos, ela aguardou e tomou nota!

(...)

As meninas desceram para almoçar, mas Maísa disse que

precisava terminar de digitar um relatório. Sozinha na sala, diante do seu computador, ela abriu a sua caixa de correio eletrônico e redigiu uma mensagem, destinada à produção do programa “Procura-se esposa!”, dizendo:

“Prezado Sr. Carlos,

O seu anúncio me interessou muito!

Eu tenho 53 anos, sou funcionária pública, faltam sete anos para eu me aposentar e não tenho ninguém com quem compartilhar o meu futuro!

Deixo o meu telefone para que você entre em contato durante a semana, à noite, ou no final de semana, à qualquer hora!

Aguardo ansiosamente pelo seu contato.

Com muito carinho, Maísa”

(...)

Dois meses se passaram sem que o telefone tocasse o coração de Maísa.

Em casa, sozinha, durante as noites insones e os longos e solitários finais de semana, ela aguardava ansiosa pela ligação de Carlos...

Copacabana é gay!

Quando Robinho desceu na estação Cardeal Arcoverde e foi avançando pelo corredor que levava até a saída do Metrô, com as paredes pintadas nas cores da bandeira LGBT, ele foi se descontraindo, relaxando a musculatura, libertando os movimentos enrustidos do seu corpo...

– A dream in Copacabana! – Deixou escapulir baixinho.

... e soltando a franga!!!

Morando na interiorana cidade de Varzelândia, Minas Gerais, desde o seu nascimento, há 19 anos, Robinho continha ao máximo os trejeitos que adoraria expressar livremente. Por medo de preconceito dos pais e dos Varzelandenses, ele escondia a sua opção sexual. Vivia “dentro do armário”, como se diz... Não... “Dentro do armário” era uma expressão fraca demais para expressar como ele realmente se sentia. Vivia aprisionado em uma armadura medieval metálica enferrujada e não lubrificada... Vivia cimentado em um bloco de concreto super-resistente!

Mas ali, ele sentiu... Não tinha porque se policiar, se esconder. Na pracinha em frente à estação, olhou para um lado e viu dois rapazes passando na rua de mãos dadas, cheios de trejeitos... Olhou para o outro lado e viu duas meninas se beijando, sem nem

tentar disfarçar, bem na frente de todo mundo... Pensou:

– O mundo é gay!

As pessoas que passavam por perto olharam para ele. Inclusive os dois casaizinhos...

– Droga, eu pensei alto! – Se desculpou...

Mas ninguém o repreendeu ou se deteve. Ele chegou mesmo a receber uma manifestação de apoio de um senhor que estava sentado em um banquinho:

– O mundo, eu não sei. Mas Copacabana é!

Ele retirou um mapinha do bolso de trás da sua calça e seguiu em direção à praia. Mas, antes de avistar o mar, o seu olhar foi atraído pela belíssima e iluminadíssima fachada do Copacabana Palace. Deteve-se para admirá-la. Sacou uma maquininha digital da mochila e tirou algumas fotos. E, contando com a ajuda de um casal de turistas que passava, posou para uma foto como se estivesse entrando no hotel para se hospedar, com mochila nas costas.

– Que babado... Deixa o pessoal de Varzelândia ver isso!

Se Robinho já estava encantado com Copacabana, tendo visto ainda tão pouco, ao se virar de costas para o hotel e voltar o seu olhar em direção à praia, ele se quedou imobilizado. Essa era a segunda sensação que mais ansiava viver no Rio de Janeiro. Além de sentir-se completamente livre, longe da família e de conhecidos, para assumir a sua homossexualidade, ele desejava ver, sentir e

entrar no mar!

E lá estava ele, belo, mesmo à noite. Somente os seus primeiros metros próximos à areia eram visíveis, iluminados pelas fortes lâmpadas dos postes da Avenida Atlântica. O resto do mar se fundia ao céu sem estrelas, como se fosse tudo uma ausência só.

Ele se projetou pela rua, seguindo em direção à areia, ao mar... Mas foi contido.

– Cuidado!

Um carro passou em alta velocidade à sua frente, rente às suas pernas. Deu até para sentir o ventinho! Ele se virou na direção da pessoa que o puxou para trás, para agradecer, e exclamou:

– É uma miragem?

O rapaz que o ajudou não compreendeu direito...

– Desculpe, eu estava falando comigo mesmo!

E lá estava, diante dele, o seu terceiro maior sonho de consumo de viagem... Um rapaz, belo, alto, forte e negro!

Embora existissem muitos negros em Varzelândia, que no passado serviu de abrigo a escravos fugidos de fazendas e alforriados, quando teve fim a escravatura, Robinho nunca teve relação com nenhum. Na verdade, poucas relações ele teve em sua vida.

– Obrigado! É a primeira vez que eu estou no Rio, eu não conheço o trânsito daqui... Diante dessa vista maravilhosa, me atirei

sem pensar!

O rapaz o olhou de cima a baixo, de baixo a cima e perguntou:

– Você é gay?

– Não, não... Quer dizer... Eu... Sou! Tem algum problema? –

Ele respondeu, inseguro.

– Não!

Que linda visão aquele rapaz, com cerca de 1,80m de altura, musculoso e negro como a noite e o mar de Copacabana à noite, bem ali à sua frente, parado, sorrindo... E lhe convidando:

– Vamos?

– Vamos?!... Para onde?

– Atravessar! O sinal abriu.

Os dois atravessaram juntos, em silêncio, as duas pistas da Avenida Atlântica. Ao chegarem ao calçadão da praia, o rapaz ampliou o convite:

– Mas, se você quiser ir para outro lugar, por mim, tudo bem... A noite é uma criança!

Que coisa mais gay para dizer: “A noite é uma criança”! Robinho pensou, dessa vez em silêncio, é tipo: “Curtir as coisas boas da vida!” ou “Tudo fica melhor quando nós descobrimos o segredo da vida!”. Que maravilha... Os dois falavam a mesma língua!

– O meu nome é Robinho. E o seu?

– Ronaldo!

Hum... E que voz linda tinha o rapaz. E falando Ronaldo com aquela voz grossa e viril. A imaginação de Robinho foi longe. E um pensamento quase pornográfico lhe invadiu: O que mais Ronaldo teria de tão grosso? Uma risada lhe escapuliu.

É, a noite prometia! Criança que é... e das levadas!

– Mas, antes de ir para qualquer outro lugar, eu quero pisar na areia, molhar as minhas mãos na água do mar e tomar uma legítima caipirinha carioca!

– Beleza!

Robinho e Ronaldo foram correndo pela areia, seguindo em direção ao mar. No caminho, experimentaram um empurra-empurra, chutaram areia um na direção do outro e riram, como se fossem velhos conhecidos. Ou um casalzinho. Mas o caminho era curto e logo eles chegaram à parte molhada da areia.

– Nossa! Eu nem sei o que dizer... Simplesmente não encontro palavras para expressar o que estou sentindo. Eu nunca estive em uma praia antes! Nunca vi o mar...

Robinho se sentiu imobilizado e radiante, com aquela visão. Mas Ronaldo, não. Ele avançou um pouco mais:

– E a praia fica ainda mais linda com a sua presença!

Os dois se entreolharam. Trocaram um sorrisinho malicioso e foram se aproximando lentamente um do outro. Robinho olhou para

um lado, não tinha ninguém olhando... Olhou para o outro lado, não tinha ninguém se aproximando... E também avançou. Rumo ao mar, onde molhou as mãos, os tênis e o rosto! E atirou água na direção de Ronaldo, que se manteve longe do alcance da água, em terra firme.

– Aqui em frente ao Copacabana Palace tem um quiosque LGBT onde a gente pode tomar a legítima caipirinha carioca. E para aquele lado é a praia do Leme. Lá nas pedras tem um mirante, onde a gente pode ficar mais a vontade e conversar um pouco.

– Só conversar?

– Conversar... E... Fazer outras coisas também!

Os dois retornaram andando lentamente pelo caminho que pouco antes cruzaram correndo. Rumo ao “Quiosque Rainbow”, onde estava tocando Village People às alturas!

– Uhu!!!

Robinho sempre ouviu esse tipo de música baixinho em seu Ipod, se controlando ao máximo para não requebrar ou dar uma desmunhecada. Nos fundos do quiosque as pessoas dançavam, como se lá fosse uma discoteca. Ele levantou as mãos, deixou de lado o pudor, soltou a voz e foi para o meio da pista dançar!

– “Macho, macho man... I've got to be, a macho man...”

Ronaldo chegou uns 10 minutos depois na pista, já com duas caipirinhas nas mãos. Uma para ele, outra para Robinho. Os dois beberam... Os dois dançaram... Os dois se abraçaram... Os dois se

acariciaram... Os dois se beijaram...

... E saíram de fininho rumo às pedras!

(...)

Quando Robinho acordou, estava com o corpo todo dolorido, sentindo muita dor de cabeça e um gosto estranho na boca.

– Onde estou?

Um enfermeiro se aproximou e contou que ele estava no hospital.

– Mas... Mas... Mas...

– Querido, te aplicaram o golpe “Boa noite Cinderela”!

Robinho não entendeu o que estava acontecendo. As lembranças foram lhe retornando à cabeça, mas... A última lembrança que tinha era de ter ido com Ronaldo para as pedras... Os dois foram para um cantinho isolado e começaram a se pegar loucamente... E... Ele começou a ficar tonto...

– Boa noite Cinderela?

– É! Um bofe coloca remédio para dormir na sua bebida. E você fica lá, todo se achando, porque está pegando “o cara”... Daí você apaga e ele te leva tudo!

– As minhas coisas... Cadê as minhas coisas?

– Já era, baby... Você perdeu!

No dia seguinte, Robinho foi liberado do hospital. O enfermeiro que o atendeu, Geraldo, ofereceu a sua casa para ele passar alguns dias, até registrar a ocorrência na polícia, dar entrada na segunda via dos documentos e organizar a sua volta para Varzelândia. Mas ele prolongou a sua permanência por lá.

Robinho nunca mais retornou para a sua terra natal. No Rio de Janeiro, ele viveu outros maus momentos. Mas também viveu muitos momentos maravilhosos!

As suas novas roupas foram mais coloridas... Os seus novos movimentos mais delicados... A sua nova voz mais afeminada... As suas novas paqueras mais atentas... E o seu novo apelido: Robin!

O que o fez permanecer no Rio de Janeiro? Essa era uma pergunta que ele respondia com muita facilidade:

– Copacabana!!!

Como cachoeira

Mal Baltazar morreu, os seus três filhos foram procurar Ângela com a cadernetinha preta nas mãos...

Ela pensou em esboçar revolta, mas não tinha esse direito. Apesar da dor que sentia pela perda do melhor amigo, os seus filhos eram os seus legítimos herdeiros e não havia naquela cadernetinha nenhuma dívida anotada que não fosse verdadeira.

Ela sabia que um dia eles a procurariam para acertar as contas. Imaginou que teria um pouco mais de tempo para amenizar a dor pela perda do amigo e também para se organizar. Mas, que fosse assim... Antes que eles falassem qualquer coisa, ela se apressou em dizer:

– Vocês já encontraram a cadernetinha... Eu ia procurar vocês, eu juro! Só precisava de um pouco mais de tempo. O pai de vocês foi um amigo muito querido. A nossa amizade era mesmo especial!

Os filhos dele demonstraram certo desconforto com a situação e a reação emocionada dela, mas não a interromperam:

– Vocês sabem que a minha situação financeira não é boa. A minha pensão é pequena e quando a minha filha adoeceu, eu me endividei para pagar o seu tratamento!

Ela suspirou e prosseguiu:

– Se não fosse o pai de vocês, eu nem sei como teria sido!

O filho mais velho de Baltazar tomou a palavra, para falar sobre a caderneta:

– Nós sabemos das dificuldades pelas quais a senhora passou e ainda passa. E, apesar de termos aconselhado o nosso pai para ele não se envolver, ele se envolveu!

Mas, antes que ele pudesse tocar no assunto, ela recomeçou a falar:

– Eu só preciso de alguns dias para arrumar as minhas coisas e falar com a minha filha. Foi graças a Deus e ao pai de vocês que ela se recuperou e está viva hoje.

– Sra. Ângela... Nós precisamos lhe falar sobre a caderneta! – A filha de Baltazar tentou tomar a palavra, mas Ângela, ressentida pela falta de tato dos filhos dele, não permitiu.

– Júlia... você foi amiga de infância da minha filha! Com a prematura morte do pai dela, o Paulo Roberto, ela teve que interromper os estudos e começar a trabalhar... Vocês acabaram se afastando. A minha filha não goza de uma situação financeira muito boa, mas... juntando o pouco que ela ganha com o pouco que eu ganho de pensão do INSS, a gente vai dar um jeito de acertar essas contas!

– É sobre a caderneta, senhora Ângela... – Os filhos de

Baltazar tentavam de todas as formas lhe falar...

– Eu sei, eu sei, eu sei... É sobre a caderneta que eu estou falando! Eu pretendia deixar essa casa para a minha filha, quando eu morresse. Essa foi a casa dos meus pais e eu queria que fosse da minha filha, um dia. Mas foi para salvar a vida dela que eu a vendi para o pai de vocês. E o valor que ele pagou pela casa foi um valor justo! E ainda me deixou morando aqui, por todos esses anos, sem pagar aluguel. Eu sabia que um dia teria que prestar contas disso. E também dos outros empréstimos que ele me fez...

– É sobre essas contas que queremos falar, senhora Ângela...

Os olhares dos filhos de Baltazar, nessa hora, eram de piedade. Mas Ângela não pretendia se beneficiar da piedade de ninguém. Ela já sabia o que poderia oferecer para quitar a dívida que tinha com o finado amigo. Diversas vezes tentou negociar com ele, mas quando não tinha um imprevisto que a fazia adiar a proposta, era ele que desconversava.

Então ela apresentou a proposta aos filhos dele:

– Como disse, em alguns dias eu posso liberar a casa para vocês venderem, alugarem, enfim, para vocês fazerem o que quiserem. E, dessa forma, recuperar o investimento que o pai de vocês fez. O bairro aqui é bom. Vocês moraram aqui, quando pequenos, e o pai de vocês nunca se mudou. Vocês sabem disso... Não é um bairro tão valorizado como os bairros da Zona Sul, onde

vocês moram, mas Baltazar sempre disse ter feito um bom investimento comprando a minha casa. Eu não acompanho essas coisas, mas ele dizia que os imóveis aqui estavam se valorizando mais do que o CDB!

– Dona Ângela... Dona Âng... – Os filhos dele tentavam interrompê-la, a todo custo, mas ela não parava de falar...

– Eu não entendo nada dessa coisa de CDB, de bolsa... Mas eu sei que se ele tivesse alugado a casa para outra pessoa ou mesmo para mim, mesmo que por um valor mais módico, ele teria muito mais a ganhar. Eu tentei negociar um valor, mas ele nunca aceitou.

– Dona Ângela... Por favor...

– Ele dizia que, comigo morando aqui, tinha a certeza de que o imóvel estava sendo bem cuidado. E isso eu fiz, nunca deixei de fazer a manutenção e mantê-lo limpo e arrumado. Mas, é claro, que isso era mentira dele. Ele nunca aceitou que eu pagasse aluguel para me ajudar!

– Dona Ângel...

– E eu não sei exatamente quanto peguei com ele em empréstimos, quando o dinheiro da venda da casa acabou. Mas deve estar tudo anotadinho aí na caderneta. Ele sempre anotava tudo na cadernetinha preta. Sei lá, devem somar uns R\$ 17, 20 mil. É só somar... Vocês entendem dessas coisas mais do que eu e tenho a certeza de que serão corretos na conta. E podem adicionar também

o valor do aluguel de 9 anos...

– Dona...

– Eu vou me mudar para a casa da minha filha, isso já está combinado com ela. Nós já conversamos sobre isso... Morando juntas, nós vamos gastar menos. Uns R\$ 1.000 a menos por mês! Se vocês aceitarem parcelar esse valor, em alguns anos, a gente consegue quitar essa dívida. E eu também vou vender os móveis da casa, o piano, devo conseguir levantar algum valor.

O filho mais novo de Baltazar, nessa hora, pegou o bloco de notas do pai, que estava na mão do irmão mais velho, deu um passo na direção de Ângela e levantou a voz:

– Por favor, nos escute, dona Ângela!

Júlia, por sua vez, tomou a caderneta da mão do irmão e a entregou à Ângela.

– Nós sempre vimos o nosso pai anotando nessa cadernetinha cada empréstimo que fazia para a senhora e nunca entendemos... – Disse.

– O nosso pai, embora entendesse de CDBs, de bolsa de valores e de outros investimentos, sempre foi muito mão aberta. Ele nunca cobrou a dívida de ninguém, por que cobraria logo as dívidas da senhora? – O filho mais velho completou o pensamento da irmã...

– O nosso pai amava a senhora! – Revelou o seu filho mais novo!

Ângela se surpreendeu com as falas dos filhos de Baltazar... Ela sempre soube do amor que Baltazar nutria por ela, mas não suspeitava que os seus filhos também soubessem. O relacionamento dos dois nunca ultrapassou os limites de uma amizade especial. Muito especial, pois ela, também, sempre o amou em segredo... Mas, em respeito aos seus antigos parceiros – Baltazar também era viúvo –, eles nunca se permitiram vivenciar na plenitude o que sentiam.

Desde que o marido dela, Paulo Roberto, e a esposa dele, Julieta, morreram, os dois viviam grudados um ao outro. E, dessa forma, as dores sentidas pelas suas perdas foram sendo superadas e os desafios posteriores da vida foram sendo vencidos mais facilmente.

Mas, disso, independia a cadernetinha! Ângela tentou devolver a cadernetinha aos herdeiros de Baltazar, mas eles não a aceitaram.

– Quando nós abrimos a cadernetinha, senhora Ângela, nós nos deparamos com a mais bela declaração de amor que já vimos... – Disse a filha de Baltazar.

– Ela é toda dividida em duas colunas. Em uma das colunas o nosso pai anotou os valores, em espécie, que ele emprestou para a senhora. E, na outra coluna, ele anotou as alegrias que a senhora lhe proporcionou, em valor não material! – Completou o filho mais

velho.

– O saldo é uma dívida imensa de gratidão! – Fez o cálculo e apresentou o resultado da conta o filho mais novo...

Ângela abriu a cadernetinha e folheou as suas primeiras páginas...

Antes de se retirarem, os filhos de Baltazar revelaram à Ângela o último desejo do pai:

– Quando estava para morrer, nosso pai pediu que passássemos a escritura da casa novamente para o seu nome e que lhe entregássemos a sua cadernetinha preta, com o perdão de toda a sua dívida!

Só então as lágrimas, que Baltazar tanto merecia que escorressem, puderam desaguar como cachoeira dos olhos de Ângela!

Herói despido

O elevador desceu, parando de andar em andar. Ele apertou o botão “direto”, para ir mais rápido, mas o botão não respondeu ao comando. Parou em mais um andar, abriu a porta, alguém entrou, fechou a porta. E não adiantou ele dizer no andar de baixo “lotado”, pois ao abrir novamente a porta os passageiros de dentro se espremeram um pouquinho mais e o que entrava ajudou com um empurrãozinho.

– Finalmente!

O elevador chegou ao G2 e ele se apressou para sair, mas um senhor gordo lhe tomou a dianteira, obstruindo a passagem, para que duas senhoras decrepitas passassem em curtos e lentos passos...

– Dá licença, dá licença, é caso de vida ou morte. É caso de vida ou de morte, eu preciso passar! – Ele se desvencilhou do gordo, das velhinhas, do elevador e pôde, enfim, em meio aos protestos, entrar em seu carro e seguir rumo a...

...um engarrafamento imenso!

É evidente, quando se está com pressa, tudo dá errado. Ele não percebeu a rua tomada por carros parados à sua frente e quando tentou retornar e tomar uma rota alternativa já não era mais possível, pois outros tantos carros lhe impediam a manobra. Ligou o

rádio em busca de notícias e aproveitou o tempo perdido para ir vestindo o seu uniforme – botas, cinto, máscara... As calças apertadas eram complicadas para vestir, dispondo de tão pouco espaço dentro do carro, mas com movimentos precisos e jogo de cintura ele conseguiu.

Ele pensou em prosseguir a pé, mas o trânsito seguia, parava, seguia, parava, mais rápido do que ele conseguiria avançar em passos apressados. Se não tivesse comido tanto no almoço com o prefeito, poderia fazer o trajeto correndo, mas, empanzinado como estava, tomado por um mal-estar e ardência no estômago, acabaria chegando ao seu destino sem condições adequadas para executar a sua função.

Colocou a blusa de viscoelástico, o colete de borracha poliuretanzada, as luvas forradas de pelica e deixou sobre o banco do carona a capa de nylon estruturado, os punhos e outros acessórios, para vestir quando saísse do carro.

Graças a Deus, o trânsito voltou a andar!

Ele soltou um pum que cheirava a camarão podre, o que lhe desviou o pensamento por um instante. Como são as coisas... Eles estavam tão vistosos e saborosos na hora do almoço! Acelerou o carro, virou à esquerda, acelerou, virou à direita cantando os pneus, furou um sinal, furou outro, quase provocando um acidente, ultrapassou dois carros da polícia.

Ao longe, já era possível avistar a fumaça. Ele estava se aproximando! Fez o sinal da cruz e acelerou mais... Ultrapassou uma sequência de sinais vermelhos e quase atropelou uma velhinha e seu cachorrinho poodle, que atravessavam a rua... Virou à esquerda, virou à direita, ultrapassou um carro dos bombeiros, que seguia na mesma direção. E o trânsito voltou a parar!

Já estava perto o suficiente para arriscar uma corrida. Vestiu a sua máscara, pegou o restante dos equipamentos sobre o banco e partiu, abandonando seu carro no meio da rua. Ultrapassou uma equipe de TV e centenas de curiosos que seguiam para o mesmo destino. Ao dobrar à direita, avistou o prédio em chamas...

Ele sentiu uma pontada no peito. Será que era tarde demais? As chamas se projetavam metros acima do pequeno prédio e a fumaça subia ao céu e depois caía em forma de fuligem. Os seus olhos começaram a arder...

Se não tivesse ficado para a sobremesa... Ele se sentiu culpado! Se tivesse chegado na hora marcada... Ela não estaria ali, correndo perigo de morte. Mas ele não podia fazer desfeita com o prefeito e seus convidados! “Fica para a sobremesa, fica...” E como ele poderia imaginar o que estava acontecendo? Quarenta minutos antes, o alarme não havia soado. Aquele seria somente mais um atraso seu! Mais um, entre tantos atrasos, pelos motivos mais distintos, mais ou menos nobres do que uma sobremesa.

– Sai da frente, vovó! Ei, dona, tira essa bunda gorda daí! Ô, garotinha, vai para casa... – Ele foi abrindo caminho, da forma que era possível, trombando com as pessoas, empurrando velhinhos indefesos e moleques saltitantes.

Ao se aproximar do prédio em chamas, ele furou o bloqueio dos bombeiros, empurrou um policial para o lado, mas se deteve. Um estrondo e a construção foi abaixo de uma só vez... Junto com ela, também as suas lágrimas! Era tarde demais...

Um curto-circuito provocou o incêndio no velho prédio que abrigava o depósito de animais abandonados da cidade. O fogo iniciou na dispensa de alimentos, entre a área onde ficavam os animais e os escritórios dos funcionários.

– Infelizmente não deu para salvar os animais... – Se lastimava o diretor da instituição para uma equipe de jornalismo, que já transmitia notícias do local. – Todos os funcionários saíram a tempo, mas não foi possível resgatar os cães e gatos!

Ele caiu de joelhos no chão. O seu coração doía demais... Como ele pôde? Como... Por causa de uma sobremesa! Por que ele não disse não ao prefeito? Não conteve a própria gula?

Permaneceu por alguns instantes completamente imóvel, ajoelhado no chão, diante do prédio em chamas, em silêncio total... Observando o fogo consumir as suas últimas esperanças.

Era um herói, já salvara a vida de inúmeras pessoas. Algumas,

ele salvara simplesmente por salvar. Eram pessoas desconhecidas, com as quais ele pouco ou nada se importava. Salvara por dever, somente, por ter um comprometimento social. E agora, quando ele mais precisava ser herói, motivado por amor, ele nada pôde fazer!

Ele se levantou e, para o espanto de todos, começou a despir o seu uniforme. Arrancava peça a peça e as atirava no chão. Diante da sua impotência e incompetência, aquelas roupas faziam com que se sentisse ridículo! Como um pierrot sem carnaval, um palhaço sem circo. Ele era um herói sem heroísmo... Um nada, um lixo!

As pessoas, ao seu redor, observavam o seu gesto sem compreender. O herói despindo-se de seu uniforme, de seu disfarce, prestes a se mostra seu rosto, sempre encoberto... Estavam espantadas e curiosas, ao mesmo tempo. Aguardavam que, ao final, ele revelasse o porquê do seu desespero. Mas, sobretudo, aguardavam que ele retirasse a máscara e, enfim, revelasse a sua identidade secreta!

E ele já estava para fazê-lo quando alguém lhe deteve:

– Calma, Batman... Calma! – Gritou um bombeiro se aproximando dele.

– Miau... – Suspirou a gatinha que era trazida nos seus braços...

– A mulher-gato está a salvo!!!

Choveu no meu chip

– Às seis horas eu te pego!

Anselmo se despediu do seu filho e seguiu rumo à casa da sua amante!

Ele estranhou quando Silvia, a sua segunda esposa, lhe deu um celular novo. Obstinada que ela era por seguir os seus passos, ele imaginou que existia alguma intenção oculta por trás da generosidade dela. E não deu outra, ao pesquisar pelo modelo do aparelho na internet, descobriu que se tratava de um celular com GPS integrado!

Mas se Silvia achava que era esperta, ele era mais. Por R\$ 150, ele convenceu o seu filho do primeiro casamento, que morava com ele e a nova esposa, a perambular pelas lojas de informática e de suprimentos para escritórios do Centro da Cidade, portando o seu novo aparelho celular.

Enquanto Anselmo estivesse na Tijuca, se deleitando de prazer nos braços de Rita, a sua amante, Silvia estaria acompanhando um pontinho vermelho a se deslocar entre uma loja e outra, teoricamente, em busca de equipamentos que ele precisava para o trabalho!

Ele só não contava que...

Com R\$ 150 no bolso e dispondo de quatro horas livres no Centro da Cidade, seu filho Rodrigo – que sabia das escapadas do pai e até o ajudava a encobri-las, pois não gostava da madrasta –, ao invés de visitar as lojas, tomou outro destino: Rua Uruguaiana, nº 8 / 10º andar.

Silvia estranhou o pontinho vermelho parado por tanto tempo nesse endereço. Lançou-o no Google Maps e...

– Filho da puta!

Quando chegou em casa, às 19:00h, como todos os dias, Anselmo era esperado na porta pela esposa, extremamente nervosa. Mas que diabos! – Ele pensou, mas manteve a tranquilidade. Afinal, passara a tarde inteira fazendo compras no Centro da Cidade!

– Eu sei da Rita! Seu, seu... Como você pôde?

(...)

O casamento de Anselmo e Silvia não era dos mais felizes, mas dava para ele ir levando. O maior problema eram os ciúmes dela. Ela vivia vendo intenções dele, mesmo quando ele não as tinha. Se uma mulher olhava para ele, ele ganhava um beliscão... E se ele retribuísse o olhar, era uma semana de blá, blá, blá!

Anselmo, inicialmente, relevou a insegurança da segunda esposa, afinal, ela entrara na vida dele enquanto ele ainda era

casado. Mas acabou se enchendo, quando os ciúmes dela tomaram proporções doentias.

Ele convenceu Sílvia a buscar ajuda psicológica e também o apoio de amigos, mas já era tarde. De tanto ela desviar o olhar dele para outras mulheres e transformar momentos que deveriam ser de prazer e descontração em discussões, ele acabou se rendendo às fraquezas da carne.

Primeiro, manteve encontros sem importância com mulheres com as quais já havia se relacionado. Eram encontros sexuais, somente. Tanto para ele, quanto para as mulheres... Ele evitava mulheres desconhecidas ou que lhe chamassem muita atenção, para não lhe complicar a vida ou despertar sentimentos indesejados.

Rita entrou em sua vida por puro acaso. Ele não buscou por ela. Foi a própria esposa, Sílvia, quem conduziu o olhar dele em direção ao olhar da jovem morena. Na verdade, primeiro ele olhou para o corpo dela, percorrendo atentamente as sinuosas curvas que ligavam os seus lindos pés à cabeça... Só então, constatou que seus lindos olhos castanho-esverdeados olhavam em sua direção.

Para dissimular o interesse, Anselmo disse à esposa:

– Sílvia, olha para mim, eu tenho cara de homem que vai se envolver com uma... uma... atendente de vídeo locadora?

No mesmo dia, o casal se inscreveu em outra locadora do bairro. Mas, desde então, ele passou a alugar, duas vezes por

semana, vídeos que deixava escondidos no porta-luvas do carro, sem assistir, na loja em que Rita trabalhava.

(...)

Distraída que era, a atendente da vídeo locadora não notou que Anselmo estava acompanhado na primeira vez em que o viu. E tampouco reparou na aliança que dias sim e dias não ele usava na mão esquerda. Ela só constatou que Anselmo era casado depois de ter assumido o relacionamento com ele. Após insistir em vão, por três finais de semana seguidos, pela companhia dele.

Ela deixara a casa dos pais para ir morar sozinha, há pouco tempo. Não fazia parte dos seus planos se envolver com ninguém. Muito menos com um homem casado! Mas Anselmo foi insistente e, além de galanteios, fazia para ela mil promessas...

Devia ter se lembrado das sábias palavras de sua mãe: Quando a promessa é grande, o Santo desconfia! Mas ela sempre acreditou mais do que devia nas pessoas. E quando se deu conta, estava apaixonada por ele!

As promessas materiais, Anselmo sempre cumpria. Com a ajuda dele, Rita acabou de mobiliar o seu pequeno e modesto apartamento alugado na Tijuca, onde os dois mantinham calorosos encontros. E quando ela tinha uma folga no trabalho e ele não podia

estar presente, por estar com a esposa, financiava as suas compras, os seus passeios com amigas e dispendiosos tratamentos de beleza.

Mas não era isso que Rita desejava. Ela até ficou em dúvida, no início do relacionamento, desfrutando das vantagens de ser amante de homem rico. No entanto, as inúmeras noites que passava sozinha e as datas importantes que não tinha com quem celebrar, lhe incomodavam.

Rita queria um relacionamento de verdade. Um homem que fosse seu! A aspiração de toda – ou quase toda – jovem com pouco mais de 20 anos e que já desabrochou para o amor...

(...)

A insegurança de Silvia, em relação a Anselmo, não era gratuita. Ela foi amante de Anselmo durante mais de dois anos, antes dele se separar da esposa e assumir o relacionamento que mantinham.

Oficialmente casada, ela tentou lidar de uma forma melhor com essa questão, em terapia. Mas a terapeuta dela só repetia que ela precisava mudar, que ela precisava conter os seus ciúmes... Então ela acabou se enchendo e parou de ir às consultas. Não entrava na cabeça dela o marido poder ser olhado por outras mulheres na rua e ela ter que fingir que não estava vendo!

Foi nesse momento que Silvia se aproximou de Raquel, a ex-esposa do marido. As duas acabaram se tornando amigas e sempre que ela tinha uma desconfiança de Anselmo ou precisava de um conselho, era à Raquel a quem recorria. A amiga a alertava sobre o que não tinha feito para salvar o seu casamento e a orientava sobre o que ela deveria fazer para proteger o dela.

Se ao menos Silvia tivesse um filho com Anselmo, se sentiria mais segura. Mas ela tentou, tentou e não pegou barriga... Em sua cabeça, imaginava que uma gravidez e um filho prenderiam o marido por mais tempo ao seu lado, até que um dia ela o conquistasse em definitivo ou ele sossegasse. Afinal, ele já passara dos 50 anos de idade e, embora ainda fosse um homem bastante charmoso e feroso, já dava alguns sinais do peso da idade.

– Sempre chega a hora em que o homem sossega! – Ela repetia para si mesmo essa frase, que não lembrava nem de quem e nem quando ouvira. Da sua mãe é que não foi, pois a sua mãe, com ela ainda no colo, ao descobrir uma traição do seu pai, saiu de casa e tomou pelas mãos o próprio destino!

Mas Silvia era diferente da mãe. Ela se sentia fraca, tinha medo de tudo. Principalmente, de que o marido a abandonasse! Sem um filho, ela era uma peça facilmente substituível. Embora não temesse por sua situação financeira, por ter feito um bom acordo pré-nupcial, desejava mais do que isso... Ela desejava Anselmo!

Que tola! Não fosse pelos alertas e dicas de Raquel, ela passaria a vida acreditando ser possível tê-lo somente para si. Embora ela tenha achado um absurdo comprar um celular com GPS integrado para monitorar os passos do marido, quando não estivessem juntos, ela comprou e presenteou o marido com o aparelho:

– Eu não resisti, amor... Esse aparelho é muito mais moderno do que o seu antigo. Ele possui 64GB de memória interna e já vem com agenda e outros aplicativos essenciais para executivos de sucesso, como você. Eu não entendo nada de celular, mas o vendedor da loja me garantiu que esse é o best dos bests!

Quando a bolinha vermelha parou na Rua Uruguaiana, nº 8 / 10º andar, ela ligou para a amiga para agradecer a ideia!

(...)

Anselmo não compreendeu como a sua esposa descobriu a existência de Rita. Que ela levantasse uma suspeita de traição, tudo bem... Mas como chegara ao nome da sua amante? Sem perder a pose, ele tentou dissimular:

– Que Rita? Eu não estou entendendo nada do que você está dizendo, Silvia.

Transtornada, a sua esposa foi soltando estranhas

informações:

– Bem que a Raquel me alertou que você não valia nada! Se não fosse a ideia dela...

Rodrigo, compreendendo a encrenca que criara para o pai, foi saindo de fininho da sala. Ao perceber a movimentação suspeita do filho, Anselmo tentou plantar um verde para colher maduro:

– Foi o Rodrigo que lhe contou alguma coisa? É mentira dele, meu amor... Ele e a mãe dele estão tramando contra você, contra nós dois, você não percebe!

– Não adianta negar! Dessa vez não. Eu te peguei em flagrante!

Mas nem Rodrigo e nem Raquel sabiam da existência de Rita. Ele estava confuso. Como então o nome da sua amante surgiu associado a uma acusação de traição?

– Você se lembra do celular que eu te dei, Anselmo? – Silvia lhe perguntou. – Ele tem um localizador GPS acoplado! E eu passei a tarde toda monitorando os seus passos...

– Tá, tá... E o que deu errado, então? – Anselmo quase se entregou, sem compreender o desdobramento dos acontecimentos.

– Você passou duas horas e meia na Rua Uruguaiana, nº 8 / 10º andar! Você não tem nada para me dizer sobre isso?

Anselmo parou para pensar sobre esse endereço e não se lembrou de nenhuma loja de informática ou de suprimentos de

escritório que ficasse nesse prédio.

– Rita Models não te faz lembrar de nada não? – Ela perguntou.

– Rita Models? Rita... Models!?... Filho da puta! – Caiu a ficha. Rua Uruguaiana, nº 8, era o prédio balança dos puteiros do Centro da Cidade!

Anselmo pensou em tirar essa história a limpo com Rodrigo. Mas então teria que explicar para Silvia porque tinha deixado o seu celular com o filho e, principalmente, onde tinha passado toda a tarde. Então ele resolveu chutar o balde de vez!

– Quer saber de uma coisa, Silvia...

(...)

Ao se mudar – sem o filho – para a casa de Rita, Anselmo lhe fez somente três exigências:

- 1) Nada de amizade com Raquel;
- 2) nada de amizade com Silvia; e, sobretudo,
- 3) nada de amizade com Rodrigo!

– Vida nova!

Foi o que os dois desejaram, brindando taças de champagne, em nome do amor!

Acácia

Quando Acácia parou de sorrir, a população local se reuniu e decidiu iniciar uma grande busca!

Os mais velhos, com suas limitações, foram incumbidos de procurar mais próximo. Já os mais jovens, que gozavam de boa saúde, foram escalados para as buscas distantes. Mas as maiores esperanças estavam depositadas nos sonhadores...

Sendo a felicidade imaterial e intangível, eram eles, os sonhadores, quem melhor poderiam identificá-la e descobrir como capturá-la, para, enfim, devolvê-la aos cidadãos comuns!

Dia e noite, noite e dia, equipes se revezavam na busca pela felicidade, embora noite e dia não fizessem mais diferença, desde que a nuvem negra quedara sobre a vila.

Mas a escuridão física, que chegou após a partida da felicidade, era um mal menor... Reencontrar a felicidade não era a prioridade de todos!

Na escuridão que se fez o coração de alguns cidadãos, a perda da felicidade não foi tão sofrida e sentida. Outros algo imateriais e intangíveis foram encontrados para ocupar o espaço por ela deixado vago.

Os ressentidos, os invejosos, os dissimulados, entre outros

tantos não sonhadores, boicotaram a busca pela felicidade, no esforço de fazer triunfar a tristeza! Distante dos sorrisos, os mesquinhos, os falsos e os mau caráter, se sentiram pessoas melhores...

Dessa forma, quando as pessoas mais humildes se aproximavam da felicidade, buscando-a em coisas simples, alguém as fazia acreditar que a felicidade só poderia ser encontrada em coisas complexas.

Quando as pessoas menos favorecidas se aproximavam da felicidade, buscando-a em conquistas baratas, alguém as fazia acreditar que a felicidade só poderia ser encontrada em conquistas luxuosas e dispendiosas.

Quando as pessoas mais solitárias se aproximavam da felicidade, buscando-a em outras pessoas solitárias, alguém as fazia acreditar que a felicidade era única, intransferível e indivisível...

E pouco a pouco as pessoas foram se afastando, a cada dia e noite, a cada noite e dia, mais e mais da felicidade, e a própria busca por ela se transformou em uma busca vazia por qualquer outra coisa que ocupasse o seu lugar.

Os mais jovens deixaram de buscá-la para ocupar o seu tempo com coisas de jovens. Os mais velhos deixaram de buscá-la para ocupar o seu tempo com coisas de velhos. E mesmo os sonhadores foram deixando de sonhar, para se dedicar a ilusões e

fantasias!

Nos dias e nas noites escuras, somente Acácia ainda buscava pela felicidade, motivada pela vaga lembrança de seus sorrisos fartos e sinceros!

Quarta-feira de cinzas

Érica estava tomando café na delicatessen quando um senhor, de cerca de 50 anos, entrou carregando uma mochila imensa nas costas e se dirigiu até o balcão. Ao ser atendido, no entanto, ele não pediu um cafezinho ou uma broinha de milho, as especialidades da casa, pediu um emprego!

– Pode ser de qualquer coisa, ajudante de cozinha, garçom, faxineiro...

Diante da resposta negativa de seu Plínio, o dono do estabelecimento, ele perguntou se poderia deixar o nome e o telefone celular, para o caso dele se lembrar de alguém que estivesse precisando...

– Pode ser de caseiro, jardineiro, qualquer coisa!

Seu Plínio indicou para ele um mural de recados, que ficava próximo à porta de entrada, onde ele poderia colocar um anúncio.

O homem se dirigiu até uma mesa, colocou a sua bagagem sobre uma cadeira e sentou-se em outra. Retirou um caderno e uma lapiseira de um bolsinho lateral da mochila e pôs-se a ofertar o seu trabalho em um pedacinho de papel. Ao terminar, fixou o seu anúncio no quadro, dividindo uma tachinha com outro anúncio que lá já estava fixado. Pegou as suas coisas e saiu.

Érica já havia terminado o seu lanche, então se levantou e foi até o mural para ler o bilhete, que dizia:

“Ofereço-me para serviços diversos, de preferência para trabalho fixo, mas aceito também trabalhos temporários! Posso executar serviços domésticos, serviços de jardinagem, fazer pequenos consertos, cuidar de animais, entre outras atividades... Como sou novo na cidade, prefiro dormir no local de trabalho. Se houver interesse, ligue para (21) 562-7542.”

Érica estava mesmo precisando de auxílio para cuidar do pequeno sítio onde morava. Pensou: Por que não? Mas a ideia de contratar um desconhecido a assustava. Morando longe da cidade e tendo como únicas companhias o seu filho de 10 anos e sua gatinha Flor, seria uma vítima indefesa para uma pessoa mal intencionada. Mas, sem saber explicar o motivo, ela confiou no... no... Ele não colocara o nome no bilhete!

Através da porta, Érica avistou a senhor andando um pouco adiante. Arrancou do quadro o anúncio dele e partiu em passos acelerados ao seu encontro.

– Ei, moço... Espera! Eu vi você pedindo emprego na delicatessen. Eu preciso de alguém para me ajudar em meu sítio. Não sei se o trabalho lhe interessa, é de caseiro. O sítio não é grande e eu moro com meu filho, somente. Eu não posso pagar muito, é para trabalhar por um salário mínimo, mas ofereço moradia e

alimentação.

Ele abriu um sorriso e perguntou:

– Quando começo?

Ela quase respondeu “agora”, mas achou prudente conversar um pouco com ele, antes de levá-lo para dentro da sua casa. E, antes mesmo de perguntar o nome dele, ela perguntou:

– Você não é fugitivo da polícia, assaltante ou estuprador, é?

Ele respondeu que não. E, compreendendo a desconfiança de Érica, falou para ela um pouco sobre ele:

– O meu nome é Marcelo. De certa maneira, eu sou um fugitivo, sim! Mas não da polícia, eu nunca cometi nenhum crime. Eu fujo do meu passado, de recordações que me magoaram muito. Eu viajo sem destino, só com essa mochila nas costas, há cerca de onze anos! Mas não sei dizer se por conta da idade ou por minhas feridas estarem cicatrizando, tenho sentido vontade de me fixar em algum lugar. E passando por essa cidade, pensei: Por que não aqui?

Érica e Marcelo conversaram por mais algum tempo, às margens do Rio Capivaripe, então se dirigiram ao Fusquinha dela e, depois de acomodados mochila, motorista e passageiro, seguiram pelas estreitas e esburacadas estradinhas de terra que levavam ao Recanto da Paz, o pequeno sítio dela, que ficava ao pé do Morro do Macaco, em Itapira da Serra.

Quando os dois chegaram ao sítio, o filho de Érica, Igor, e a

gatinha Flor, no colo dele, os aguardavam na garagem.

– Esta é minha família! – Érica apresentou o seu filho e a sua gata para Marcelo.

E apresentou Marcelo para os dois, dizendo:

– Ele vai morar aqui com a gente, para nos ajudar a cuidar do nosso LARtífúndio!

Igor, aparentemente, gostou da novidade. Mas a gatinha Flor saltou do seu colo para o chão e retornou para dentro da casa, sem dar atenção a Marcelo. Mãe, filho, caseiro e mochila seguiram em direção ao pequeno anexo destinado aos empregados, atrás da casa, que não era nem grande, nem pequena, nem luxuosa e nem pobre demais.

Igor fez diversas perguntas para Marcelo e ele respondeu a todas, mesmo as mais indiscretas, com cordialidade e bom humor. E, solícito, após acomodar a sua roupa no pequeno armário do quarto, se apresentou na cozinha para ajudar Érica a preparar o almoço. Com dois limões galegos na mão, colhidos do pé, no quintal, ele perguntou se ela não gostaria de um aperitivo antes da refeição. Ela aceitou e, alegremente, os dois beberam, conversaram e cozinham...

Marcelo se mostrou conhecedor de temperos e truques culinários. Mas quando perguntado por Érica se ele trabalhara como chef de cozinha, ele disse que não.

Depois do almoço, Érica e Igor conduziram Marcelo em um passeio pelo sítio. Lhe mostraram a horta, com alguns temperos e legumes plantados de forma aleatória. Um pequeno cercadinho onde eram criadas algumas galinhas e vários pintinhos. Árvores frutíferas naturais do terreno – pitangueiras, árvores de tamarindo e mangueiras – e plantadas – laranjeiras e pés de tangerina. E o principal atrativo, segundo eles, um pequeno riacho que formava um laguinho cuja profundidade da água mal chegava ao joelho!

A noite caiu e os três conversaram até tarde, deitados sobre uma toalha no quintal, contando estrelas no céu.

Ao acordar, na manhã seguinte, Érica e Igor foram surpreendidos com o café da manhã já posto na mesa. Tinham torradas quentinhas com manteiga derretida, ovos mexidos, suco de laranja e café com leite. Flor também encontrou o seu potinho de comida já servido. E Marcelo prometeu para o dia seguinte fazer geleia e doce de leite!

– O que vocês acham de um bolo de carne no almoço? Eu vi que tem um pouco de carne moída! Com arroz integral e uma saladinha?

Érica se beliscou, por debaixo da mesa, para ter certeza de que não estava sonhando. Mas ela não estava dormindo. Nos meses seguintes a sua vida, a vida do seu filho e da sua gatinha foram realmente um sonho real!

Marcelo plantou novas árvores frutíferas na propriedade, organizou e ampliou a horta e a criação de galinhas. Em pouco tempo, o sítio produzia todos os ovos, legumes e verduras necessários para a alimentação dos três e ainda sobrava produção para ser comercializada na vendinha da cidade. Mas quando perguntado por Érica se ele trabalhara como agrônomo, ele disse que não.

Marcelo consertou o telhado da casa, que estava com goteiras, a tubulação da cozinha e do banheiro social, que estavam com vazamento, pintou as janelas da casa de cores coloridas e projetou uma unidade doméstica de tratamento do esgoto sanitário, que anteriormente era despejado in natura, rio abaixo... Mas quando perguntado por Érica se ele trabalhara como arquiteto ou engenheiro, Marcelo disse que não.

Ele inventava um novo programa para cada final de semana para entreter Igor, um novo cafuné para cada dia para conquistar Flor e um novo tema para cada fase da lua para prolongar as conversas com Érica durante as noites... E quando perguntado por ela se ele era casado, ele disse que não.

O clima era de romance! Érica, no entanto, receava se envolver. Não por ainda nutrir desconfiança sobre o caráter ou as intenções de seu empregado/objeto de amor... Mas, em sua vida, as histórias de amor nunca tiveram finais felizes!

Curioso, Marcelo perguntou:

– Foi o pai de Igor que te magoou tanto?

Ela disse que não! E lhe devolveu a pergunta:

– E você? O que te magoou?

E assim terminou mais um dia no Recanto da Paz!

No dia seguinte, ao voltar da cidade, Érica disse que estava triste. Marcelo ficou em dúvida se era por ele ter se negado a falar do seu passado, mas antes de tocar no assunto, ela lhe contou que o sítio vizinho ao seu acabara de ser vendido para um investidor de fora da cidade. Ela entrou casa adentro falando sozinha e para todos, ao mesmo tempo:

– O que um investidor vai querer com uma titiquinha de terra aqui nos cafundós do mundo? Vai construir uma pousada no Morro do Macaco, em Itapira da Serra? Eu não acredito, eu não acredito! Eu venho juntando dinheiro há tanto tempo para comprar aquelas terras, já estava tudo acertado com o seu Oswaldo. Ele tinha prometido que só venderia a sua propriedade se fosse para mim! Mas aí vem um fulano de tal qualquer e despeja uma mala de dinheiro no colo dele e blau, blau...

– São boas terras... A melhor parte do rio passa por lá! Tem cachoeira e no lago dá até para mergulhar. Se juntar aquelas terras com as suas e outras do arredor, dá para imaginar muitas possibilidades de negócios! – Marcelo tentou mostrar para Érica que

ela poderia estar diante de uma boa oportunidade. Quem sabe ela não se associava a esse investidor e montava um negócio, aproveitando a valorização da região? Mas ele só conseguiu deixá-la mais nervosa e agressiva.

– Ah, tá, Marcelo... Então você era corretor de imóveis antes de sair batendo perninhas por aí?

Marcelo respondeu que não.

Mais calma, durante a noite, Érica pediu desculpas a Marcelo por ter debochado dele! E ele a desculpou.

Depois de um breve silêncio, ele revelou o seu segredo do passado para ela:

– Eu tinha um excelente emprego. Era diretor de uma empresa multinacional. Tinha carro de luxo, motorista, fazia muitas viagens, comia nos melhores restaurantes do mundo. Estava de casamento marcado, a minha noiva estava grávida. Feliz, feliz, feliz da vida... Decorando o meu loft para morar com a futura mãe do meu filho! Então eu descobri que eu não era o pai do filho da filha da puta... – Perdão, eu não devia falar assim. E continuou:

– Eu pirei! Deixei o meu emprego para trás, larguei os meus imóveis trancados, os meus investimentos nas mãos dos gerentes dos bancos. Não pedi demissão, não me despedi de ninguém, simplesmente sumi do mapa!

E o silêncio se refez, dessa vez mais prolongado...

Marcelo pensou em complementar a sua fala dizendo que somente agora sentia vontade de reestruturar sua vida. E que, na verdade, já estava fazendo isso! Pois, depois de encontrá-la, de se envolver com ela e com o filho dela, ele queria retomar pelas mãos o seu destino, os seus negócios e os seus sentimentos... Mas receou se precipitar.

Érica, por sua vez, teve vontade de beijá-lo, mas achou precipitada essa atitude. Julgou mais adequado deixar o beijo para um outro momento.

Um desejou boa noite para o outro e os dois se dirigiram lentamente em direções opostas, cada um rumo ao seu quarto. Mas nem Marcelo e nem Érica foram fortes o suficiente. Os dois se voltaram um para o outro, retornaram alguns passos, se abraçaram e se beijaram apaixonadamente!

(...)

Marcelo não estranhou quando Érica deu um passo para trás, surpresa com uma recordação...

– Você já esteve aqui antes? – Ela lhe perguntou.

E ele respondeu:

– No Carnaval de 1999! Itapira da Serra foi um dos primeiros destinos de minha longa viagem!

Diante do silêncio que Érica fez e das suas expressões – horas de quem estava confusa e horas de quem estava certa de alguma coisa –, Marcelo perguntou:

– Igor é meu filho?

Sem poder afirmar que sim nem que não, Érica revelou simplesmente:

– O Carnaval de 1999 foi muito louco... Na quarta-feira eu acordei com uma dor de cabeça insuportável!

O apagão

Foi difícil para Gilberto se acostumar a não estar no domínio de sua vida. Ele, que sempre fora tão cheio de si e controlador, agora era carregado de um lado para o outro, como um boneco, sem vida própria. Um bebê teria mais autonomia, ele imaginava, pois um bebê seria capaz de, através do seu sorriso ou do seu choro, demonstrar a sua satisfação ou o seu descontentamento.

Mas ele, apesar de estar em pleno domínio dos seus pensamentos e sentimentos, simplesmente não tinha como externá-los. Sem conseguir movimentar uma perna, um braço, um dedo e sequer piscar... Sem poder dizer: quero mijar ou quero cagar... Sem expressar um sorriso ou franzir a testa para demonstrar raiva ou desconforto... Ele, simplesmente, estava tolhido do poder de ser ele mesmo, embora permanecesse sendo ele.

Ele não mais decidia a hora de acordar, a hora de dormir, a roupa que queria vestir, a comida que lhe era empurrada goela abaixo. Mas, sobretudo, lhe incomodava ter que usar fraldão e ser higienizado por uma enfermeira mal encarada, que ouvia funk, o dia inteiro, em um radinho de pilhas... “Um radinho de pilhas!!!”

– Arg, que nojo... Mas o que foi que te deram para comer ontem, rapaz? – Questionou-se, em voz alta, a enfermeira!

“Eu bem que gostaria de saber!”, ele teria respondido. Mas se pudesse realmente falar com a enfermeira, naquele exato momento, diria: Quer tirar essa sua mão da minha bunda, por favor!

E, para piorar, ele ainda tinha que ficar olhando aquela cena por tantos ângulos diferentes, refletida nas paredes, nos armários e no teto do seu quarto.

Quando reformou o apartamento e pediu ao arquiteto um quarto com mais espelhos do que necessários, imaginara se ver refletido de forma mais digna, em sua cama. E, sobretudo, em companhia feminina mais excitante!

– Pronto... Agora é só botar o talquinho na bundinha, nesse pintinho murcho, fechar o fraldão e te virar... Uh... Hum... Mas você tá mais pesadinho hoje, heim. Eu só queria saber como, se cada dia come menos e caga mais... Devia estar é perdendo peso! Uh... Hum... Pronto. O médico disse para te deixar hoje de bruços!

“Que alívio”, Gilberto pensou. Ele não aguentava mais se ver refletido nos espelhos tão sem ação, tão sem reação, tão sem vida, embora vivo! Ou pior, quando os espelhos cismavam em refletir imagens aprisionadas de tempos passados... Como em um flashback, se via viril, fazendo sexo por horas seguidas com belas jovens!

Quando os seus olhos se fixavam em seus olhos, na eminência de gozar, cintilando de tanto prazer... “Ah... Ah... Ahhhh...” Ele gritava em silêncio:

– Maldição!

Seus olhos hoje, refletidos, não brilhavam e nada diziam. E seu pênis não manifestava a menor intenção de ereção, sequer ao acordar, com vontade de mijar.

Para fora, ele parecia expressar, mesmo, um “Tanto fez, tanto faz...”. Para dentro, no entanto, sua mente remoía o passado, tentando entender “Por quê?”, “O quê?” e/ou “Quando?”. De bruços, a visão do lençol de algodão da Pérsia, de 180 fios, sem estampas, era a melhor que poderia ter!

O quê?

Os médicos demoraram a explicar o mal que acometera Gilberto. Ele não havia sido vítima de nenhum acidente, tampouco de uma enfermidade conhecida. O seu corpo permanecia íntegro e também a sua atividade cerebral, como foi comprovado por exames gráficos. A impressora rabiscava o papel para cima e para baixo, com velocidade, indicando que ele estava ali, no entanto os médicos olhavam para os exames, olhavam para ele e se calavam.

Mesmo os doutores figurões, dos hospitais de referência, se calavam diante daquele quadro. Foi somente quando levado a um conceituado centro médico americano que o seu diagnóstico foi descoberto. Sofria de uma raríssima doença, chamada Síndrome de

Loked-in. Sua doença é também chamada de síndrome do cativo, pois os pacientes, acometidos por ela, ficam presos dentro dos seus próprios corpos.

Mas, ter o diagnóstico, não o ajudou muito. Pois não havia tratamento para a doença. A única coisa a fazer era manter os cuidados básicos do doente. E aguardar, quem sabe, uma reversão do quadro clínico. Um desbloqueio instantâneo, qual se deu o bloqueio.

Então, ele foi mandado de volta para casa, onde passou a ser acompanhado por três enfermeiras mal encaradas e brutas, que se revezavam, sob o comando de sua mãe.

Por quê?

Gilberto se perguntava se o que estava lhe acontecendo não era uma forma de penitência ou castigo divino, por um mal que tivesse feito ou um bem que deixara de fazer... Embora ele não se considerasse uma pessoa má, uma pessoa boa, com certeza, nunca fora. Com certeza, havia pessoas que cruzaram o seu caminho que gostariam de vê-lo assim ou lhe desejariam mesmo algo pior destino.

Mas, apesar de fragilizado pela situação, ele não dava valor a credices e mal olhados. Não acreditava cumprir um carma ou ser vítima de um trabalho bem forte e bem feito, em uma encruzilhada.

Em sua cabeça, o que lhe aconteceu poderia ter acontecido a qualquer outra pessoa. E uma explicação lógica, ainda não descoberta, e uma solução futura, deveriam existir.

Por isso, o seu gráfico de atividade cerebral rabiscara o papel tão intensamente quando diante de um novo especialista que permanecia calado. Por dentro ele gritava: “Seus incompetentes!”, “Vocês precisam encontrar uma resposta para o que está me acontecendo!!”, “Vocês precisam encontrar uma cura para mim!!!”

Quando?

Foi no dia 27 de dezembro de 2012, quando completaria 37 anos, que Gilberto sofreu o apagão. Ele combinou com a sua secretária uma festa surpresa para ele e, para a sua surpresa, no horário e no restaurante marcados não havia ninguém. Sozinho em uma mesa, com 26 lugares reservados, ele olhou para uma mocinha loirinha que estava desacompanhada no balcão e vislumbrou outro tipo de comemoração.

Mas, ao tentar se levantar para ir ao encontro dela, simplesmente não conseguiu se mover!

(...)

Cinco anos tinham se passado. E como o tempo demorava a passar, sem ter nada para fazer... Sem poder nada fazer... Cinco anos sem dirigir a 130 Km por hora, cinco anos sem fechar um grande negócio, cinco anos sem ir a um restaurante japonês, cinco anos sem transar loucamente com uma garota gostosa, três anos sem assistir televisão.

“Mas que merda, por que minha mãe não mandou consertar a televisão ou comprou uma nova?”, ele reclamava para si.

Embora Gilberto nunca tenha gostado de assistir novelas, noticiários, programas de auditório e jogos de qualquer modalidade esportiva, nos primeiros dois anos da sua enfermidade, essa programação se mostrou um bom entretenimento. Sem ela, era só ele, com os seus pensamentos e as suas revoltas contra tudo e contra todos...

Dona Maria de Lourdes, a mãe de Gilberto, no entanto, ao perceber que o aparelho de televisão pifou, resolveu respeitar o antigo gosto do filho, deixando-o ali pendurado e desligado. Um gigante de 55 polegadas, sem utilidade alguma... Qual quem?

Mentalmente, ele chegou a elaborar diálogos imaginários com ele, abordando temas como solidão e impotência. Mas, depois de um ano, a sua mãe achou por bem retirá-lo, abrindo mais um espaço coberto por espelhos na parede, para refleti-lo!

Se Gilberto estivesse conectado aos fiozinhos da cabeça, para

registrar o nível de sua atividade cerebral, diante daquela decisão da mãe, com certeza, eles rabiscariam no papel um:

– Filha da puta, conserta essa porra de televisão!

Mas a sua revolta ficou, como tudo o que agora pensava ou desejava, guardada em segredo, somente para ele e para os seus reflexos!

Amnésia

– Por favor, eu queria falar com o gerente!

– Pois não, sou eu mesmo...

– O senhor me desculpe, o assunto é meio constrangedor...

Mas eu não posso deixar de alertá-lo. Mesmo porque, vejo que o seu restaurante prima pela boa apresentação e higiene!

– Aconteceu alguma coisa errada?

– É a sopa do meu amigo...

– A sopa? O que tem a sopa?

– Tem um pentelho!

– Um pentelho? Isso é impossível!

– Pois veja o senhor mesmo... Bem aqui!

– Hum, hum... Realmente parece ser um pentelho!

– Curtinho, espesso e enroladinho... Só pode ser um pentelho! Nem à cabelo encaracolado, nem à pelo de perna ou de braço se assemelha!

– Sem dúvida, sem dúvida... A probabilidade de este pelo ser um pentelho é de 97,5%! O impossível é este pentelho ter vindo servido junto com a sopa!

– Como assim?

– Nossas cozinheiras e garçonetes seguem as mais rígidas

normas de higiene... E pelo comprimento desse pentelho, ele é de homem! Sendo eu o único homem a trabalhar nesse recinto e não identificando-o como meu, é impossível... É impossível!!!

– E o que o senhor está sugerindo? Que o meu amigo, deliberadamente, arrancou um pentelho e o atirou na sopa? Peraí... Você está nos acusando de ter colocado o pentelho aí para não pagarmos a conta?

– Não, não... Bem... Eu... Eu estou confuso!

– Veja bem... Se nós estivéssemos tentando dar um golpe para não pagar a conta, nós primeiro tomaríamos boa parte da sopa antes de contaminá-la com... Com o... O senhor não concorda?

– É, faz sentido!

– Que vantagem nós teríamos ao reclamar de um pentelho na sopa antes de tomá-la?

– Por favor, me perdoem... É evidente que eu não desconfio de vocês! Mas, como disse, nossas normas de higiene são muito rígidas... Todas as meninas trabalham de cabelo preso, com touca, vestindo aventais e... Bem... Elas são obrigadas a se depilar periodicamente!

– Todo o corpo?

– Todinho, todinho...

– Até a xaninha?

– Até a xan... Digo... A região pubiana!

– Eu não acredito nisso!

– Pode acreditar... Eu mesmo me certifico do cumprimento dessa regra, de 15 em 15 dias!

– Isso está cheirando é a papo furado seu. Vai ver isso acontece toda hora aqui e você inventou essa história absurda para eximir o restaurante de culpa!

– Não, senhor... Nós temos um contrato. Quando as meninas vêm trabalhar aqui elas sabem que podem ser exigidas, a qualquer momento, a provar que estão devidamente depiladas!

– Pois eu continuo não acreditando! Esse pentelho só pode mesmo ser de uma de suas funcionárias! Vai que você tem uma feminista infiltrada na equipe, com uma selva amazônica entre as pernas... E ainda te dá balão na hora da fiscalização!!!

– Isso é impossível!!!

– Olha, a única certeza que eu tenho é que tem um pentelho na sopa do meu amigo! E, até que me provem o contrário, esse pentelho é de uma das suas garçonetes ou das cozinheiras!

– Rita e Cássia, venham aqui! Júlia, chama a Roberta e a Patrícia na cozinha... E venham para cá também!

– O que o senhor vai fazer?

– Se vocês não acreditam em minha palavra, eu vou lhes exibir provas cabais do que estou dizendo!

– Essa eu quero ver!

– Meninas, por favor, enfileirem-se aqui em frente a estes dois rapazes... Agora baixem as suas calças e mostrem as suas xaninhas para eles!

– Huuummmmm...

– Estão satisfeitos agora?

– Não, não... Aquela ali está muito distante. Não dá para ver a xaninha dela direito!

– Roberta, se aproxima mais do rapaz.

– Maravilha... Maravilhosa...

– Como eu disse, todas elas têm o corpo todo depilado, sendo impossível esse pentelho que está na sopa ser de uma delas...

– É verdade... Huuummm... É até crueldade pensar numa coisa dessas! Elas são tão limpinhas, tão bonitinhas...

– Meninas, agora levantem as calças e retornem ao trabalho!

– Ah... Mas estava tão bom...

– E tampouco pode ser meu esse pentelho! Pois, embora eu não me depile, eu mantenho os meus pelos pubianos com menos de 0,7 cm de comprimento... Os senhores querem conferir?

– Não, não... Por favor, não é preciso! O senhor já provou ser mesmo um homem de palavra!

– Pois bem... agora que ficou comprovado que o pentelho não chegou à mesa servido junto com a sopa, falta a gente investig...

– Não tem problema, não tem problema... Toma aqui R\$ 50,

é o suficiente para pagar a nossa conta? Nós já estamos satisfeitos!

– Ei... Mas vocês nem tomaram a sopa! Eu posso mandar servir uma outr...

– Fica para uma próxima vez!

– Por favor, não saiam assim... O nosso restaurante segue as mais rígidas norm...

– Não se preocupe. Nós acreditamos no senhor!

(...)

Já do lado de fora do restaurante, os dois rapazes combinavam o retorno:

– E aí? Quanto tempo para ele esquecer da nossa cara?

– Eu já tentei voltar uma vez depois de 10 dias, mas ele me reconheceu! É melhor deixar passar uns 20 ou 30 dias...

– Mas, da próxima vez, você arranca o pentelho pra botar na sopa!

Furo de reportagem

– Alô, dona Clotilde?

– Não adianta, pois eu não vou voltar atrás em minha decisão.

– Calma, por favor, dona Clotilde. Eu não quero demovê-la de nenhuma decisão. É que sou repórter, estava passando por aqui com a minha equipe e nos deparamos com você na janela, ameaçando pular... Um vizinho seu nos forneceu o seu telefone!

– Sem imprensa, sem imprensa... Eu não quero imprensa!

– Mas, dona Clotilde, nós estamos aqui para lhe servir. A senhora deixou algum bilhete, alguma carta?

– Não...

– Então a senhora tomou essa decisão sem planejar... Está agindo por impulso!

– É... Eu estava aqui, sozinha...

– E você não gostaria de deixar uma mensagem para alguém especial? Nós podemos te ajudar nisso, levar uma mensagem sua para alguém que você ame! Contar a sua história, expor os seus motivos, justificar essa sua decisão tão drástica! Você tem parentes, filhos, marido?

– Não, eu nunca tive filhos. Eu até queria, achava que um

filho poderia dar novo sentido à minha vida. Mas o meu marido não podia ter filhos... Nós até tentamos, fizemos um tratamento, mas não deu certo!

– E seu marido, onde está, o que ele faz?

– Ele morreu. De câncer! Passou os últimos anos entretado na cama! Eu tinha que dar comida para ele na boca, administrar os seus medicamentos nas horas corretas, dar banho... Você não imagina a dificuldade que é manter a higiene de um homem, imóvel, em uma cama! Ter que lhe fazer curativos, trocar as suas fraldas sujas de merd...

– Tá bom, tá bom... Já tenho informações suficientes sobre o seu finado marido, dona Clotilde. Não podemos nos demorar. Você sabe, jornalista está sempre correndo! E daqui a pouco chegam os bombeiros e...

– Bombeiro não, bombeiro não... Eu não quero bombeiro!

– É melhor... Sem bombeiros! Você tem irmãos, pais vivos, parentes próximos, dona Clotilde?

– Não! O meu pai morreu quando eu era ainda novinha, nem tenho lembranças dele. Só sei dele o que a minha mãe contava. Ele era alcoólatra e batia muito nela! Vivia se embebedando e arrumando mulheres e brigas na rua. Um dia ele foi se deleitar nos braços de uma queng...

– Tá bom, tá bom... Já tenho informações suficientes sobre o

seu pai. E sua mãe, também teve um destino trágico?

– Eu nem lhe conto, seu jornal... Qual é mesmo o seu nome? Você sabe o meu: Clotilde, Clotilde Gomes da Ribeira. Mas eu não sei o seu...

– Nós não temos tempo a perder, dona... Já está dando para ouvir as sirenes dos bombeiros, ao longe. Vai acabar saindo tudo fora do controle!

– Não... Bombeiro não! Nem bombeiro e nem polícia! Você pode ficar, porque você é bacana. E essa gente toda, o que é que está todo mundo olhando? Vocês perderam alguma coisa aqui em cima? Ninguém tem nada o que fazer não?

– Sua mãe, dona Clotilde. Deixa de lado essas pessoas, são só curiosos... Qual o infortúnio dela?

– Minha mãe sofreu muito. Coitada!

– Imagino...

– Depois que o meu pai morreu, a minha família foi despejada da casa que morávamos, no interior paraibano. Nós não tínhamos parentes e nossos vizinhos e amigos, que enquanto a minha mãe podia, ela sempre ajudou, nos viraram as costas! Acabamos indo morar na rua. Meus três irmãos foram morrendo um após do outro. Um de fome, outro de frio e o último de tiro... Ele começou a andar com uns moleques de rua e levou a pior, em um assalto que participou!

– Ah, sei... Foi depois disso que vocês vieram para o Rio?

– Eu já estava com 16 anos, na época estava passando uma novela na televisão que mostrava o Rio de Janeiro... Que cidade linda, eu pensei, tenho que ir para lá! Daí, eu convenci a minha mãe. Eu argumentava com ela: Na cidade grande deve ter muito mais esmolas! Então viemos para cá, pegando carona de caminhão, de carro de boi, de carro de turista – um trazia a gente uns 10 km, outro 100... E a gente ia se virando no caminho de resto de comida catada em lata de lixo...

– De que ela morreu afinal, dona Clotilde? Os bombeiros já estão chegando.

– De desgosto, eu acho. Ela foi definhando, definhando... Eu arrumei esse emprego de secretária, viemos morar nesse apartamento em Copacabana, nunca deixei lhe faltar nada. Até os dentes podres dela eu mandei arrumar! Mas, para quê, se ela não mais sorria? Não conversava comigo, não saía de casa para nada, passava o dia inteiro sentada em frente à televisão. Esse era o seu único conforto! Assistir às suas novelas e aos programas de auditório. Então, um dia, durante a novela das nove, ela simplesmente tombou para o lado...

– Tá bom, tá bom... Já tenho informações suficientes sobre a sua mãe. Mas, dona Clotilde, me diz uma coisa. Você já passou por tantas necessidades, já sobreviveu a tantos infortúnios... Por que

essa atitude agora?

– Dá para acreditar? O filho da puta do meu patrão me demitiu! Depois de 26 anos trabalhando para ele... 26 anos, três meses e 14 dias! Eu nunca faltei a um dia ao trabalho sequer, nunca me queixei dos horários, dos serões, dos finais de semana perdidos. Chegava sempre adiantada e, às vezes, nem saía para almoçar, para dar conta do trabalho e das outras demandas dele. Agora ele me aparece com uma menina vinda do Nordeste... Uma menina! Ela tem a mesma idade que eu tinha quando aqui cheguei. E ele... Filho da puta! Já está com mais de 60 anos e fica bajulando a menininha como se tivesse 30 ainda! Isso é imoral, é pecaminoso! Eu devia era matar o filho da puta e não me atirar daqu...

– Vocês tinham um caso, estou certo, dona Clotilde?

– Eu tinha acabado de chegar do Nordeste e ele me deu emprego, me deu casa! Me fazia promessas, mas acabou se casando com a filha de um dos seus maiores clientes. Ele dizia que casara por interesses comerciais, somente! Aí inventou que eu tinha que me casar também, para não levantar suspeitas com a esposa dele, e me arrumou um marido. Eu aguentei o meu marido inválido e impotente, por ele, só por ele. Acreditando nas promessas dele! Canalha! A mulher dele morreu no ano passado, mas ele sempre aparecia com uma desculpa para não me levar para morar na casa del...

– Dona Clotilde, eu já tenho o suficiente. Os bombeiros acabaram de chegar. Eles têm uns psicólogos fantásticos, que fazem qualquer um acreditar que a vida vale à pena! Daí você dá um passo atrás, eles te agarram, te metem em uma camisa de força, te levam para uma clínica psiquiátrica e você passa o resto da vida tomando comprimidos amarelos no almoço e vermelhos no jantar...

– Eu vou pular... Eu vou pular! Esse filho da puta vai ver... Vou manchar de sangue a calçada que ele e aquela putinha adolescente passam todos os dias!

– Dona Clotilde. Eu acabei de contar a sua história para o editor do jornal, mas ele acha que o povo já está farto de histórias trágicas de retirantes... Disse que não dá matéria! Foi o que ele disse, sinto muito. Agora eu tenho que ir fazer a cobertura de uma reunião da Associação de Amparo aos Cachorros Abandonados do Flamengo e já estou atrasado. Obrigado pela entrevista e boa sorte!

– Alô? Alô????!!!... O quê que é heim? O quê que está todo mundo olhando? Vocês estão querendo é ver o meu sangue escorrendo pela calçada, né...? Pois eu vou pular mesmo! Seu bando de merdas! Bando de filhos da puta!

Lá embaixo, uma plateia formada por office boys e desocupados ensaiava um coro: “pula, pula, pula!”, enquanto a equipe do Jornal da Manhã se retirava do local e os bombeiros invadiam o prédio, rumo ao 19º andar.

(...)

No dia seguinte, deu no obituário do jornal:

“Clotilde Gomes da Silva, 42 anos, suicídio”

Sem deixar um bilhete, uma carta de despedida, sem emitir qualquer justificativa... Sem um ponto final, sequer!

Solidariedade

– A rua tá calma hoje...

– É, não passa ninguém...

(...)

– O céu tá bonito hoje...

– É, não tem uma nuvem sequer...

(...)

– A coisa tá preta hoje...

– É, ainda não recebi uma moeda...

(...)

Alheios ao feriado, os dois mendigos davam expediente na esquina da Rua do Ouvidor com a Avenida Presidente Vargas, sentados lado a lado, por trás das suas latinhas...

(...)

– Au, au, au...

(...)

E, é claro, Samuca, o cachorro vira-latas dos dois, de pelo encardido e feio de matar, se posicionava entre eles.

(...)

– Estranha a rua tão vazia...

– Au, au, au...

– Hoje não é quinta-feira?

– Au, au, au...

– Acho que é sexta. Dia 7, ouvi alguém comentando...

– Au, au, au...

– E de qual mês?

– Au, au, au, au, au, au. Au, au, au, au, au, au, au, au, au, au?

Au... Au, au, au, au. Au, au, au, au, au! – Tradução: Hoje é 7 de setembro. De que planeta vocês são, meu Deus? Seus... Seus doidos. É feriado nacional!

(...)

O mendigo da direita pegou um sanduíche de mortadela em uma sacola e dividiu em três partes iguais... O mendigo da esquerda pegou uma velha garrafa térmica em uma sacola e serviu dois copos de café. Cada mendigo pegou um pedaço do sanduíche e um copo de café e começaram a comer e beber. O cachorro abocanhou o último pedaço do sanduíche e foi embora!

(...)

– Eu não tenho nada para comer mais tarde, você tem?

– Não, eu não tenho...

(...)

– E o café, sobrou para mais tarde?

– Não, acabou...

(...)

– Será que hoje passa o carro da sopa?

– Tomara...

(...)

– E cachaça, você tem?

– Não... Parei de beber por conta dos rins!

(...)

– Que horas já devem ser?

– Não sei, não passa ninguém pra gente perguntar.

– Nem para dar esmola.

– E nem um restinho de comida...

(...)

– Você não tem nada mesmo para beber?

– Não... E você não tem nada mesmo para comer?

(...)

– Será que a gente arruma algum resto de comida na birosca

do Chico?

– Ele disse que dava tiro se a gente voltasse lá!

– Quem sabe a gente não pendura a conta na padaria?

– Tem jeito não...

(...)

Sem uma esmola conseguir, resignados, os dois mendigos encerraram o expediente. O mendigo da direita guardou a sua latinha vazia de moedas na sacola e deitou na calçada. O mendigo da

esquerda também guardou a sua latinha vazia na sacola e deitou.

(...)

– Tô com fome...

– Nem me diz... Tô morrendo!

(...)

– Se ao menos tivesse uma branquinha...

(...)

– Au, au, au...

(...)

– Au, au, au!!!

(...)

Diante dos dois mendigos, o cão companheiro, Samuca, latia insistentemente. Os dois, que já estavam quase dormindo, demoraram para lhe dar atenção e voltarem a se sentar... Alegrementemente, ele empurrava na direção dos dois, com o seu focinho, um grande e apetitoso sanduíche de mortadela!